

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

CÉSAR DE FRANÇA BATISTA

**ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: UMA ANÁLISE
HISTORIOGRÁFICA SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DO
PATRIARCALISMO RURAL NA OBRA "FOGO MORTO"**

CAJAZEIRAS - PB

2022

CÉSAR DE FRANÇA BATISTA

**ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: UMA ANÁLISE
HISTORIOGRÁFICA SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DO
PATRIARCALISMO RURAL NA OBRA "FOGO MORTO"**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa

CAJAZEIRAS - PB
2022

B333E Batista, César de França.
Entre a história e a literatura: uma análise historiográfica sobre as representações do patriarcalismo rural na obra "Fogo Morto" / César de França Batista. - Cajazeiras, 2022.
68f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2022.

1. Análise literária. 2. História. 3. Historiografia - Paraíba. 4. Literatura. 5. José Lins do Rego. 6. Patriarcalismo rural. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS CDU - 82.09

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

CÉSAR DE FRANÇA BATISTA

**ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: UMA ANÁLISE
HISTORIOGRÁFICA SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DO
PATRIARCALISMO RURAL NA OBRA "FOGO MORTO"**

APROVADO EM: ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Silvana Vieira de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande – CFP

Prof^º. Dro. Elri Bandeira de Sousa
Universidade Federal de Campina Grande – CFP

Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino
Rede Estadual de Ensino - (SEE/PB)

Prof. Dro. Israel Soares De Sousa (Suplente)
Universidade Federal de Campina Grande - CFP

CAJAZEIRAS - PB

2022

AGRADECIMENTOS

A princípio gostaria de agradecer a Deus pela força durante todo esse processo, conviver com um transtorno de ansiedade generalizada não é fácil ainda mais em um momento de esforço mental como este, mas até aqui ele me apoiou. Agradeço os meus pais, em especial a minha Eliene França, que nunca mediu esforços para que eu chegasse a este momento, mãe, nunca vou esquecer dos sacrifícios que a senhora teve que fazer para que esse sonho se tornasse possível, você me dá o fôlego necessário diariamente, o seu apoio sempre será essencial. Agradeço a minha família, aos meus amigos que sempre me prestaram o apoio diário nesse momento estressante e conturbado de uma conclusão de curso: João Kaio, Gustavo, Laianne, Túlio, Kaline, Kaio e demais eu não sei o que seria de mim sem o apoio de vocês. Também agradeço aos meus colegas de turma na totalidade e em especial os que eu consegui estabelecer vínculos fora dos muros da universidade, meus "x-men's": Ayrle, Alanna, Brenda, Hava, Nicolas e Renata. Obrigado por todos os momentos de descontração. Sem eles a caminhada teria sido ainda mais complicada e árdua. Agradeço a Emillayne por todas as risadas que compartilhamos durante esses anos de curso e pelo abrigo durante os tempos de PIBID, vou ser grato para sempre. Estendo meu agradecimento a Suzana, obrigado minha amiga por todos os momentos legais que vivenciamos na universidade, desde as sessões de fotografia nas árvores do "campus", até os dias de chororô com trabalhos e provas, sempre que te procurei obtive retorno imediato e auxílio também, muito obrigado. Um agradecimento especial à minha orientadora do PIBID Irlana Holanda por todo apoio em momentos essenciais para a minha formação enquanto futuro professor. Obrigado a todos os professores que encontrei durante a minha jornada até aqui, a minha professora e orientadora Silvana Vieira De Sousa, Aos professores de Graduação que contribuíram com a minha formação e aprendizagem. Almair Morais De Sá, Ane Cristine Herminio Cunha, Camila Corrêa E Silva De Freitas, Eliana De Souza Rolim, Francinaldo De Souza Bandeira, Geraldo Venceslau De Lima Júnior, Hélio Àzara De Oliveira, Isamarc Gonçalves Lobo, Israel Soares De Sousa, Janaina Valeria Pinto Camilo, Jonatta Sousa Paulino, Maria Lucinete Fortunato, Mariana Moreira Neto, Maria Thais De Oliveira Batista, Osmar Luiz Da Silva Filho, Rodrigo Ceballos, Rosemere Olimpio De Santana, Rubismar Marques Galvão, e Uelba Alexandre Do Nascimento.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo central analisar através de uma perspectiva historiográfica as representações verossimilhantes do patriarcalismo rural produzidas na obra literária *Fogo morto* (1943). À luz de autores como Pesavento (2004), percebemos que desde que as questões epistemológicas sejam respeitadas, a história e literatura podem agir harmoniosamente na realização de uma pesquisa. Posteriormente o conceito da estrutura patriarcal no meio rural foi bastante debatido pelos ensaios sociológicos escritos durante a década de 1930, tais como *Casa-Grande & Senzala* (1933) de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda que buscam explicar as continuidades e descontinuidades desse sistema e como ele se fundamentou. Paralelo a isso, os romances regionalistas de 1930 ascenderam como fortes produtos da memória desse sistema social num contexto em que o país vive a ambiguidade entre o tradicional e o moderno. José Lins do Rego surge como um dos maiores expoentes dessa corrente, suas produções formulam-se como um resgate das memórias cotidianas regionais do sistema patriarcal rural e suas singularidades. Influenciado pelo contexto histórico de sua efervescência literária entre os decênios 1930 e 1940 e o seu lugar social quanto "neto de açúcar," o romancista produz neste romance recortes de uma sociedade açucareira rural em decadência, promovendo uma fonte possível para análise cultural deste fenômeno. Como aporte teórico nesse aspecto utilizamos como base principalmente os autores Albuquerque Júnior (2011), Candido (2006), Castello (2001), Coutinho (2011).

Palavras-chave: História; Historiografia da Paraíba; Literatura; José Lins do Rego; Patriarcalismo rural.

ABSTRACT

This study has as central objective to analyze through a historiographical perspective the verisimilitude representations of rural patriarchy produced in the literary work *Fogo Morto* (1943). In the light of authors such as Pesavento (2004), we realize that as long as epistemological issues are respected, history and literature can act harmoniously in carrying out a research. Later, the concept of the patriarchal structure in the rural environment was much debated by sociological essays written during the 1930s, such as *Casa-Grande & Senzala* (1933) by Gilberto Freyre and *Raízes do Brasil* (1936) by Sérgio Buarque de Holanda, which seek to explain the continuities and discontinuities of this system and how it was founded. Parallel to this, the regionalist novels of the 1930s ascended as strong products of the memory of this social system in a context in which the country lives the ambiguity between the traditional and the modern. José Lins do Rego emerges as one of the greatest exponents of this current, his productions formulating themselves as a rescue of the regional daily memories of the rural patriarchal system and its singularities. Influenced by the historical context of his literary effervescence between the 1930s and 1940s and his social place as a "sugar grandson," the novelist produces in this novel clippings of a decadent rural sugar society, providing a possible source for cultural analysis of this phenomenon. As theoretical support in this aspect we use as a basis mainly the authors Albuquerque Júnior (2011), Candido (2006), Castello (2001), Coutinho (2011).

Keywords: History; Historiography of Paraíba; Literature ; José Lins do Rego; Rural Patriarchy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 - ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: UMA LEITURA DO REGIONALISMO NA REPRESENTAÇÃO ADOTADA POR JOSÉ LINS DO REGO.....	12
1.1 A relação entre história e literatura na "Nova História".....	12
1.2 Narrativas e lutas por representação na história e literatura.....	16
1.3 Tensões sociais e literárias: José Lins Do Rego e o regionalismo.....	20
CAPÍTULO 2 - SENHOR, AÇÚCAR E PROPRIEDADE: UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A SOCIEDADE PATRIARCAL RURAL DE ENGENHOS, NA PERSPECTIVA DE JOSÉ LINS DO REGO E DOS ENSAIOS SOCIOLOGICOS DE 1930.....	29
2.1 O patriarcalismo rural açucareiro para José Lins Do Rego.....	29
2.2 A casa grande e seu cotidiano como representação de uma sociedade patriarcal segundo Gilberto Freyre.....	32
2.2.2 O patriarcalismo rural para além das paredes do engenho.....	36
2.3 As raízes da sociedade rural de engenhos, suas continuidades e as implicações do seu declínio sob a ótica de Sérgio Buarque de Holanda.....	39
CAPÍTULO 3 - A REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE PATRIARCAL RURAL EM FOGO MORTO.....	46
3.1 " <i>Fogo morto</i> " : O lugar social do autor/escritor	46
3.2 A representação dos homens patriarcais e o núcleo familiar em " <i>Fogo Morto</i> ".	50
3.3 Mundo em crise: A representação da decadência patriarcal rural em " <i>Fogo Morto</i> ".	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	65

INTRODUÇÃO

Desde a infância fui fascinado pelas artes, música, literatura, cinema, teatro e etc. Constantemente observei as produções culturais como uma oportunidade de nos enxergarmos enquanto sociedade, afinal, é algo feito de humanos para humanos. Ao mesmo tempo que provoca reconhecimento também pode incitar afastamento, a forma como nos relacionamos com a arte tem laços profundos com a maneira como nos configuramos enquanto indivíduos.

Ao ingressar na universidade e ter os primeiros contatos com as condições de uma pesquisa historiográfica tive em mente que o meu fazer histórico teria fortes relações com a cultura nas minhas produções. A princípio a música foi a minha fonte primária, elaborei projetos e artigos utilizando-me dela como objeto de pesquisa e análise quanto ferramenta de representação.

No ano de 2021 uma chama reacende: enquanto cursava a disciplina de história da Paraíba, a professora solicitou que fosse elaborado um *podcast* sobre alguma obra literária e a sua relação com a história, nos foi sugerida a obra *Fogo Morto*. Já havia lido outrora e tinha familiaridade com os escritos de José Lins do Rego, inclusive, possuía uma de suas obras em meu acervo, mas aquela leitura diferiu, desta vez me veio acompanhada de um novo olhar, o qual eu nunca havia tido antes. Agora não os enxergava apenas como algo a ser degustado para o meu entretenimento literário, mas quanto um produto cultural a ser estudado, dissecado e investigado.

Lembro-me que após essa atividade a vontade de mergulhar profundamente neste campo de pesquisa não saía da minha cabeça. Não demorou muito até que chegasse a conclusão que era grato a fonte musical e tudo que ela me proporcionou no meio acadêmico, mas era agora a hora de ampliar os meus horizontes investigando outras fontes, neste caso a fonte literária.

Contatei a professora Silvana Vieira De Sousa como orientadora e a pesquisa iniciou. Tive certeza desde o princípio que a obra escolhida para meu estudo seria *Fogo Morto*, não apenas por sua grande fortuna crítica, de modo que a intenção aqui não se fomenta em elaborar uma crítica literária, mas um estudo historiográfico com interesse na riqueza descritiva do cotidiano e o tom de humanidade verossímil dado aos personagens num contexto de declínio do patriarcalismo rural açucareiro.

Observando-a como uma fonte possível. Atentando-se ao fato, que o autor como neto de senhor de engenho, possuía um olhar privilegiado e teve como contexto de sua

efervescência literária as décadas de 1930 e 1940, período histórico de inúmeras transformações em vários âmbitos do país.

À exemplo da ascensão do regionalismo tradicionalista que proporcionou a José Lins do Rego e outros romancistas contemporâneos de sua época, o espaço propício para descreverem questões sociais, culturais, conflitantes em suas regiões, com a finalidade de serem ouvidos. Para além das obras literárias, os ensaios sociológicos também causaram grande empolgação durante esse recorte temporal. O autor de *Fogo Morto* possuía boa relação com estes estudiosos por ser caracterizado por eles como um competente descritor das ambiguidades entre a saudade e decadência:

O regional para o intelectual regionalista era um desfilar de elementos culturais raros, pinçados como relíquias em via de extinção diante do progresso. Uma narrativa antiquário que resgatava o que estava prestes a ser passado. Nele predomina um verbalismo de efeito, servindo o registro dialetal para marcar a diferença em relação ao homem culto e enfeitar uma prosa carente de matéria ficcional. Ele toma elementos do folclore e da cultura popular, notadamente rural, abordando-os com indisfarçável postura de superioridade, com um olhar distante que procura marcar, inclusive na própria escritura, o pertencimento a mundos diversos (ALBUQUERQUE, JÚNIOR, 2011, p.65).

Durante este estudo partiremos da perspectiva de que *Fogo Morto* estrutura-se quanto documento para análise destas representações aproximadas do real, alimentadas pelas memórias e vivências do autor atreladas a de seus familiares no meio rural. Elas defendem o seu lugar social e o seu posicionamento quanto regionalista, na direção às suas origens e o possível posto privilegiado de lembranças que o possibilitou uma escrita aproximada ao cotidiano patriarcalista açucareiro. O estudioso José Aderaldo Castello nos dá a trilha:

Filho e neto de senhores-de-engenho, José Lins do Rego viveu os primeiros anos de vida no engenho corredor, na Paraíba, a sombra do avô materno José Lins. [...] Avô e tia são pessoas marcantes na obra do memorialista e romancista: preenchem a infância na qual repousam os fundamentos da obra que escreveu. Foram a geratriz da espontaneidade em harmonia com a teorização regionalista do escritor, de maneira a inspirar um amplo painel do esplendor à decadência da economia açucareira tradicional na região nordestina [...] (CASTELLO, 2001, p.17).

A pesquisa é de caráter qualitativo classificando-se como uma revisão bibliográfica pautada na história cultural e social que pretende por meio do cruzamento das fontes históricas e literárias compreender como se desenvolveram essas representações, com a finalidade de observar os pilares que situam-se suas intenções.

Ela se divide em três capítulos, que metodologicamente se desenvolvem em objetivos específicos, que se propõem a provocar algumas questões. O primeiro capítulo intitulado,

"Entre a história e a literatura: Uma leitura do regionalismo na representação adotada por José Lins Do Rego." Neste momento a abordagem se volta a compreender a relação entre história e literatura, investigando como o modernismo e o regionalismo foram movimentos importantes para as produções literárias memorialistas de José Lins Do Rego.

O segundo capítulo, intitulado **"Senhor, açúcar e propriedade: Uma breve discussão sobre a sociedade patriarcal rural de engenhos, na perspectiva de José Lins do Rego e dos ensaios sociológicos de 1930."** Busca analisar a visão de José Lins Do Rego sobre o espaço dos engenhos, além de discutir o conceito do patriarcalismo rural brasileiro e algumas de suas representações, propiciadas pelos ensaios sociológicos publicados durante a década de 1930, tais como: Gilberto Freyre em sua obra *Casa-Grande & Senzala* (1933) e Sérgio Buarque de Holanda com *Raízes do Brasil* (1936), no intuito de contextualizar as origens da família patriarcal originária do meio rural.

O terceiro capítulo, intitulado: **"A representação da sociedade patriarcal rural em Fogo Morto"**, direciona nosso olhar ao lugar social de José Lins do Rego como "neto do açúcar", criado no ambiente rural. Seguindo a trilha de que sua origem teria influenciado em sua descrição memorialista sobre a sociedade patriarcal, enquanto o contexto temporal da sua escrita teria influência na sua representação aflita ao decadente, a exemplo da sociedade descrita em *Fogo Morto*. Neste momento, procuramos analisar a obra e suas representações com o auxílio de estudos sobre o romance e o contexto histórico de sua ambientação na finalidade de investigar quais as principais características de verossimilhança da decadência patriarcal ruralizada são elaboradas pelo autor durante a narrativa.

Assim colocado, esse estudo permeado pela relação entre história e literatura nos permitirá uma análise diversificada e ampla sobre as representações desses ambientes açucareiros do meio rural, contribuindo assim para uma observação sociocultural dessas estruturas quanto espaços de memória do sistema patriarcal e suas crises.

CAPÍTULO 1:

ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: UMA LEITURA DO REGIONALISMO NA REPRESENTAÇÃO ADOTADA POR JOSÉ LINS DO REGO

Este capítulo propõe abordar a relação entre história e literatura. Quais suas aproximações e distanciamentos diante da pesquisa historiográfica, a partir da perspectiva de expansão das fontes históricas entende-se o papel dos escritos literários como documento de análise dentro do campo da chamada "Nova História Cultural", sendo assim, por meio do embasamento teórico discutiremos a ascensão desta produção como ferramenta de pesquisa no meio acadêmico e especialmente no campo de estudos em história. É importante destacar que a análise historiográfica tem os seus próprios métodos que a diferenciam dos utilizados pela crítica literária.

Ao longo do texto discutiremos como essa fonte é observada dentro das questões de práticas e representações, considerando como um elemento de diálogo e identificação cultural de uma sociedade ou determinado grupo. Posteriormente a discussão se pauta em compreender a importância do regionalismo na obra de José Lins do Rego como corrente de fortalecimento à uma memória patriarcal do Nordeste, atentando-se a contemporaneidade de sua escrita sob a ambiguidade entre o moderno e o tradicional a partir da sua ótica regionalista.

1.1 A relação entre história e literatura na "Nova História"

Antes de compreendermos como a literatura e os escritos memorialistas de José Lins do Rego na obra *Fogo Morto* se tornaram documentos possíveis de análise para o historiador enquanto fonte de uma representação, é importante fazermos um exercício e entendermos metodologicamente a literatura além de superficialidades. Os escritos literários, mais do que nos proporcionar fôlego nos dias monótonos ou provocação nos mais calmos, é um modo único de enxergar realidades.

O autor cria um mundo só dele que depois se transforma no mundo de outros? Ou ele representa o seu mundo e os outros se identificam? Escrever é arte, é transmitir sentimentos e vida pelo papel. É comunicar-se, aflorar inquietações. Seria o historiador também um

literato? Constantemente regras e normas querem nos colocar em caixas e nos dizer quem somos e o que produzimos, isso termina por gerar afastamentos ao invés de aproximações. A necessidade de aprovação dos nossos pares termina por nos mecanizar e transformar a escrita em um padrão.

Escrever é permitir a alguém entender o seu ponto de vista e posicionamento sobre assuntos específicos, permitindo ao leitor uma oportunidade de dar interpretação, entonação e o seu tempo para questionar e debater sobre algo que foi registrado por você. A escrita é como um rio que transborda, escorre para outras margens e deságua em outras localidades, podendo gerar emoção e empatia a quem entra em contato.

O surgimento da escrita possibilitou ao homem uma ferramenta para registrar acontecimentos do seu cotidiano, das suas vivências e do que observava ao seu redor. Posteriormente ela foi tomando novas formas e o que antes era focado apenas em registros do seu próprio universo, começou a tornar-se mais amplo e atravessar outros espaços, dando voz a outras vivências, visualizando o mundo além, mas sem se desligar das suas crenças e do contexto em que vive.

Se nos direcionarmos ao ofício dos historiadores, a produção escrita é uma das maneiras mais eficazes de registrarmos nossas análises. A historiografia como uma elaboração letrada cientificista parte da provocação investigativa de quem escreve, unida à presença de outros referenciais que possibilitam a ideia de reafirmação e embasamento de uma posição sobre determinados acontecimentos ou questões específicas.

Não se pode ignorar que com o avanço do tecnicismo e da percepção da história enquanto ciência, boa parte de nós busca frequentemente se encaixar nos moldes propostos pela academia, deixando de lado nossas idealizações e percepções durante o processo de escrita. Isto resulta, por vezes, em uma produção sem brilho, impessoal, engessada na perda do charme clássico visto na construção das obras literárias. O historiador Jacques Le Goff nos dá um panorama sobre essa conjuntura:

Por fim, o caráter "único" dos eventos históricos, a necessidade do historiador de misturar relato e explicação fizeram da história um gênero literário, uma arte ao mesmo tempo que uma ciência. Se isso foi válido da Antiguidade até o século XIX, de Tucídides a Michelet, é menos verdadeiro para o século XX. O crescente tecnicismo da ciência histórica tornou mais difícil para o historiador parecer também escritor. Mas existe sempre uma escritura da história (LE GOFF, 1996, p.12).

As técnicas científicas, ao ponto que nos deram respaldo e patentes científicas, provocaram a criação de fronteiras imaginárias entre a história e outros campos literários. Em seu artigo: *história e literatura - novas relações para novos tempos* publicado em 2010, José

D' Assunção Barros, além de discutir a relação entre as duas áreas, aborda a temática da exigência das intuições e o meio acadêmico por uma escrita objetiva e rigorosa feita pelos historiadores, constatamos o que ele nos alerta:

Mas a pergunta que se coloca é: o que se perde com esta busca obsessiva de objetividade ao nível da superfície do discurso – o quanto se ganha efetivamente em cientificismo, e o quanto se perde em arte, em flexibilidade, imaginação e criatividade? . Em uma palavra, se há perigos em deixar a História – enquanto modalidade específica – ser engolida pela Ficção totalmente livre, há ainda perigos maiores para o historiador que deixa escapar a sua verve literária, isto é, que não aproveita devidamente a dimensão de Literatura que deve estar presente em seus textos de História (BARROS, 2010, p.15).

A historiografia é produzida por seres humanos, e por esse ponto vamos operá-la ao que nos desperta interesse. É necessário que respeitemos os métodos e técnicas que nos respaldam enquanto área científica, mas evitando perder o caráter de autoria e identificação com as nossas posições alinhadas aos caminhos teóricos. A nossa escrita é uma forma de nos situarmos no mundo.

A obrigatoriedade cientificista acarretou por bastante tempo um afastamento com outros campos da escrita. Fomos condicionados a pensar a literatura direcionando nosso olhar apenas no campo lúdico do imaginário, algo que se distancia dos moldes do concreto tão almejado pelo nosso ofício. Entretanto é fundamental recordar que ela escancara, representa e evidencia questões e costumes da sociedade e de nossos antepassados. Tudo irá depender de como iremos abordá-la.

Nos dizeres de Antonio Celso Ferreira (2012) foi durante o período de expansão dos campos historiográficos ainda no século XX que a literatura passou a se fazer presente em trabalhos acadêmicos como um documento complementar capaz de nos proporcionar experimentações e entendimentos de práticas e representações culturais. Proporcionando olhares além das fontes tidas como convencionais, os escritos literários já deixaram há muito tempo de serem vistos apenas como fontes controversas ou tratadas com desdém pelos historiadores.

Essa maior flexibilidade dos campos historiográficos é fruto do que, segundo Peter Burke (1992), chamamos "nova história cultural". Seria uma maneira de produzir registros históricos além dos meios tradicionais. Difícil de ser definida, ela se encontra no ponto de afastamento ao da história tradicional. A própria já ascendeu com a ideia de multiplicidade e abertura de horizontes. No entanto, é necessário compreender que essa ampliação, ao tempo que trouxe um leque de possibilidades ao historiador, também implicou em muitas responsabilidades para com o fazer histórico.

À luz de Barros (2005) compreende-se que nessa perspectiva de expansão dos campos historiográficos torna-se possível um diálogo da nova história cultural com a história social desde que o historiador também possua indagações sociais em sua análise, tendo em vista que a partir de 1940 a escola dos Annales começa a interpretá-la como um campo que se volta às totalidades do entendimento social, não existe economia, cultura e outras questões que sejam desprezadas ao conceito de sociedade: "Em certo sentido argumenta-se que toda a história é de algum modo uma história social - mesmo que direcionada para as dimensões, política econômica e cultural." (2005, p.16). De modo que um bem cultural perpassa questões de cunho social.

Na análise de Burke (1992), um dos maiores problemas enfrentados pelo historiador no campo da nova história cultural é o estudo de suas fontes, os historiadores podem acreditar estar analisando um cotidiano geral quando na verdade, estão caindo na armadilha de fazer análises isoladas. É preciso uma profundidade maior, enxergar nas entrelinhas. Não é porque você trabalha com uma fonte entendida como "nova", que de fato sua leitura e abordagem seja também nova. A expansão de possibilidades nas respostas, também gera uma infinidade de perguntas e nos vemos imersos nesses questionamentos que não se dão por satisfeitos pelos meios de análises convencionais:

Já foi sugerido que a expansão do campo do historiador implica o repensar da explicação histórica, uma vez que as tendências culturais e sociais não podem ser analisadas da mesma maneira que os acontecimentos políticos. Elas requerem mais explicação estrutural. Quer gostem, quer não, os historiadores estão tendo de se preocupar com questões que por muito tempo interessaram a sociólogos e a outros cientistas sociais. Quem são os verdadeiros agentes na história, os indivíduos ou os grupos? Será que eles podem resistir com sucesso às pressões das estruturas sociais, políticas ou culturais? São essas estruturas meramente restritas à liberdade de ação, ou permitem aos agentes realizarem mais escolhas? (BURKE, 1992, p.31).

É como se o olhar do historiador migrasse não só para o resultado da ação, mas para o entendimento de questões tais como: quem agiu, como agiu, onde agiu. Esses pontos se tornam ferramentas essenciais na construção da escrita do historiador em produções que utilizam da nova história cultural, Um dos meios possíveis de observarmos a cultura e suas implicações no cotidiano social é por meio da literatura. Porém, como já foi aqui apontado, durante muito tempo essa fonte teria sido evitada por historiadores, Mas seria a literatura tão antagônica e distante da história? É um equívoco para o historiador cultural alterar a essência da literatura na tentativa de hierarquizar os saberes, ou pior, colocá-los como iguais em demandas e abordagens. Pesavento (2006) nos diz que são propostas diferentes, mas que alinhadas de forma coesa podem gerar grandes resultados. O objetivo é tentar minimizar as

suas fronteiras, entendendo que história e literatura podem se encontrar e dialogar na ideia de construção pontual de um registro.

Com suas metodologias e áreas de atuação sendo respeitadas podemos dizer à luz dos estudiosos em questão, que história e literatura mesmo diferentes, podem agir paralelamente. O historiador ao escrever sobre algo não desliga o botão cerebral da subjetividade. Sua escolha temática e teórica não é descolada das suas escolhas pessoais, assim como o literato não se desprende do universo e temporalidade em que se está inserido. Isso nos possibilita visualizar suas aproximações quanto ao diálogo, pois como nos disse Marc Bloch, “tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo o que toca, pode e deve informar sobre ele.” (2001, p. 79). A literatura diz muito não só sobre quem escreve, mas também sobre quem lê.

1.2 Narrativas e lutas por representação na história e literatura.

Em meio a debates a literatura se tornou uma ferramenta de observação e análise do cotidiano social, seja ele do passado ou do tempo presente, apesar de possuir as suas próprias formas de estruturação. O texto literário vem como uma leitura do imaginado inserido no real, na tentativa de representar a realidade de um determinado grupo, seja ele privilegiado ou não, funcionando como uma "vitrine" de representação cultural humana.

Para Barros (2005a), "A produção de um bem cultural, como um livro ou qualquer outro, está necessariamente inscrita em um universo regido por estes dois pólos que são as práticas e as representações." (2005a, p.134). Como salientado pelo autor, a produção cultural está ligada a questões de identificação através da representação. Ao falarmos desse conceito é inevitável referenciar o autor Roger Chartier (1990), de modo que ele nos apresenta possibilidade de leitura do mundo e da cultura sob a perspectiva das lutas por representações que se formulam através de um embate importante a ser analisado:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros por elas menosprezados a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos os desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1990, p. 17).

Não existe neutralidade nas produções culturais, tendo em vista a sua forte influência dos sujeitos na busca de mesclar o real e o sonhado, possui direcionamentos bem estabelecidos na escolha do autor pelo caminho à qual público/grupo específico irá atingir. Ela não é uma exceção a ideia de intencionalidade e interesse. Seja com menor ou maior intensidade, os personagens representados possuem valores próprios, mas que constantemente podem ser comuns a uma parcela da população ou classe social. Desta forma provoca a ideia de representação ou retaliação em quem lê, a depender das suas percepções sobre si e da realidade em que vive. O processo de escrita de um livro é complexo, observemos o que Barros (2005a) nos diz sobre isto:

As práticas culturais que aparecem na construção do livro são tanto de ordem autoral (modos de escrever, de pensar ou expor o que será escrito) como editorial (reunir o que foi escrito para constituir-lo em livro), ou ainda artesanal (a construção do livro na sua materialidade, dependendo de estarmos na era dos manuscritos ou da impressão). Da mesma forma, quando um autor se põe a escrever um livro, ele se conforma a determinadas representações do que deve ser um livro, a certas representações concernentes ao gênero literário no qual se inscreverá a sua obra, a representações concernentes aos temas por ela desenvolvidos. Esse autor também poderá se tornar criador de novas representações, que encontrarão no devido tempo uma ressonância maior ou menor no circuito leitor ou na sociedade mais ampla (BARROS, 2005a, p. 134).

Ao ponto que entendemos o livro como um campo de representações e discursos ao pesquisarmos com o auxílio de obras literárias, necessita-se ter respeito pelo documento, entendê-lo como uma fonte que deve seguir critérios de abordagens específicas e o confronto com outros referenciais, nesse caso a nossa percepção investigativa deve ultrapassar os fundamentos estéticos e se direcionar ao interesse do autor e o contexto de suas produções. É outra forma de se fazer leitura.

A pesquisa historiográfica que se utiliza de uma narrativa literária, busca respostas e entendimentos que perpassam para além do escrito, há um distanciamento entre o leitor apreciador, do leitor pesquisador. As camadas são mais profundas, se tem a ideia de que nada é por acaso, a cada palavra existe um interesse, necessidade e expressão ali pontuada. As nuances observadas pelo historiador se distinguem das feitas pela crítica literária, o seu olhar se foca pela análise de propagação das representações e pretensão de intencionalidades, até mesmo o que não é dito durante a obra é algo a ser questionado.

O interesse nos escritos de um autor por vezes se fundem a defesa de um espaço, memória ou fortalecimento de um símbolo, gerando o que Roger Chartier (1990) define como uma disputa, onde a representação de um grupo deseja sobrepor-se a dos outros e a partir disso criar-se um entendimento do que seria o real. Na literatura isso é algo muito perceptível, as personagens e os grupos pela obra representados travam uma luta sutil pelo

fortalecimento da sua própria narrativa aos olhos do leitor. Na obra *Fogo Morto* isso pode ser observado não apenas pelos posicionamentos de seus personagens, como também pela abordagem saudosista adotada pelo autor.

Evidenciando a necessidade de não se direcionar a análise apenas aos indivíduos que dão tom à obra, mas também há quem escreveu, o contexto histórico em que ela é ambientada, a localidade, onde vive, a classe social, como trabalha, como se relaciona, cultura, os costumes para se entender os seus alicerces de criação. O signo e a imagética fornecida por esses dados funcionam como fortalecimento dessas representações com a finalidade de originar discursos e fomentar o imaginário popular, motivo de curiosidade e estudo para pesquisadores das mais diversas áreas das ciências sociais.

De acordo com Pesavento (2004) no que compete semelhanças entre história e literatura, ambas formulam a criação do mundo a partir de narrativas, de modo que o real serviria como espécie de parâmetro para aproximações e distanciamentos, partem do pressuposto de fortalecer representações sobre o que desejam comunicar, conseqüentemente atingindo determinados públicos. Quando o historiador recorre à fonte literária em seu ofício ele deve entendê-la como ferramenta de possibilidade de acesso a verossimilhança de um passado e não como a ideia de cópia da verdade.

A pretensão da história e da literatura se fazem claras em seus âmbitos e devem ser pontos de observação bem definidos durante a abordagem e cruzamento dessas fontes. O diálogo é possível, entretanto sem esquecer que as suas originalidades narrativas devem ser respeitadas pelo processo de análises:

A Literatura vale-se de narrativas não necessariamente compromissadas com os acontecimentos, mas diretamente interessadas em mostrar como as pessoas concebem, vivenciam, e representam a si mesmas e ao mundo no qual estão inseridas. Ela o faz por meio da retratação de situações apresentadas em diferentes dimensões temporais. A História por sua vez, parte do presente para coletar, selecionar e interpretar fontes do passado com o objetivo de construir narrativas que se aproximem com maior nitidez do que foi vivenciado por um indivíduo ou grupo social ou pela sociedade (ABUD; SILVA; ALVES, 2010, p. 44).

Seguindo esta trilha, Pesavento (2004), nos adverte que as aproximações e divergências entre história e literatura se resolvem no campo epistemológico. Estas possuem diferentes formas de se colocar ao mundo, seus interesses e direcionamentos trazem a tona sensações e aflições de uma sociedade, resgatando memórias e elementos de curiosidade ao interesse dos homens do seu tempo, entretanto, se distanciam principalmente na fronteira de pretensão. Ainda que a história seja interpretada por alguns como uma ficção possível de controlar, ela tem a pretensão de verdade, ou no mínimo de buscar parte dela. Ainda assim, é

possível compreender que possam agir complementarmente, a historiografia com as análises e os questionamentos e a literatura como fonte para alguns esclarecimentos e observações.

É nessa espécie de simbiose teórica que a escrita literária se coloca como um meio de representação. Pesavento (2004) afirma que tudo irá depender de como a fonte será abordada, mas para os historiadores culturais a literatura é uma fonte muito interessante. Já que é rica na representação de perfis sociais e no entendimento da funcionalidade cultural de uma sociedade. No entanto, se a questão for saber se algo é um fato ou não, seria necessário e plausível a busca por outras fontes. "A literatura é fonte de si mesma." (PESAVENTO, 2004, p.83). O que nos interessa ao utilizarmos dela como documento é o que fica nas entrelinhas. Neste caso a historicidade da escrita será muito mais válida do que o tempo da narrativa, por meio dele entenderemos o contexto de produções do autor e o porquê fez determinadas escolhas representativas, em que aplica a ênfase a grupos específicos em detrimento de outros.

Cabe ao leitor o papel de se apropriar disso ou não, segundo Chartier (1990) o processo de apropriação da leitura passa por âmbitos complexos e socialmente variáveis, em que até mesmo a forma que se lê vai influenciar. A maneira como o indivíduo se apropria do que lê pode falar muito sobre ele e sobre a sociedade em que se situa, quais são os seus gostos, mas, além disso, a escolha da leitura assim como a da escrita não é neutra. Ela perpassa por linhas muito mais tênues do que uma simples análise de "gosto pessoal". Questões financeiras, geográficas, sociais e culturais têm grande influência na preferência do leitor. Principalmente tratando-se da literatura.

Portanto, entende-se que as escolhas do autor em uma obra terão influência direta no processo de absorção da leitura. Se trouxermos essa análise para a abordagem de José Lins do Rego compreenderemos que este literato regionalista, se propõe a representar uma identidade nordestina atrelada a sociedade de engenhos durante seu processo de declínio. Sua atuação demonstra o seu posicionamento como produtor cultural e seu papel social ocupando determinados espaços. O intencional e o não intencional se cruzam, a ordem memorialista e o saudosismo eclodem como representação e frequentemente ficam em aberto as análises do leitor sobre as suas reais motivações, que podem se colocar a caráter de relato, denúncia, repulsa ou reflexão.

No entanto, a apreensão da leitura feita por um historiador durante uma pesquisa historiográfica ocorre de maneira bastante singular. Observemos o que nos aponta o historiador Nicolau Sevcenko referente análise de produções literárias no campo de pesquisa historiográfico:

O estudo literário conduzido no interior de uma pesquisa historiográfica, todavia preenche-se de significados muito peculiares. Se a literatura moderna é uma fronteira extrema do discurso e o proscênio dos desajustados, mais do que testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revolução dos seus focos mais cantantes de tensão e a mágoa dos aflitos. Deve traduzir no seu âmago mais uma ânsia de mudança do que os mecanismos da permanência (SEVCENKO, 1999, p. 20).

O que foi expresso por Sevcenko vai ao encontro do que nos diz Pesavento (2004), a literatura deve ser enxergada como documento complexo, sua influência vai variar conforme o direcionamento da análise. Não necessariamente os clássicos da literatura serão sempre as ferramentas auxiliares, se acaso o historiador quiser entender sensibilidades de uma determinada classe social, talvez ele tenha de se utilizar de leituras tidas como de baixa qualidade pelos críticos literários, para entender gostos de apropriação das camadas mais populares. A produção literária percorre seus próprios caminhos, as práticas e representações do mundo são apreendidas de formas diferentes pela ótica de quem irá ler, sendo importante ao pesquisador um olhar diversificado e criterioso.

É interessante pensar por essa perspectiva, por meio dela refletem-se locais de privilégio, não só do autor, mas também do público que a recebe e irá aprovar ou rejeitar essa narrativa. Ao pesquisarmos sobre a literatura brasileira, por exemplo, observa-se que infelizmente persiste em nossa sociedade um "elitismo" demarcado tanto em quem possui o poder do lápis como quem percorre os olhos pelo papel.

É inquestionável que a escrita tenha evoluído uns degraus no que a tornaria mais democrática, mas ainda se faz excludente em alguns ambientes, as representações do real ficaram restritas durante muito tempo a determinadas classes sociais, inclusive esse desnivelamento ao acesso e "apagamento social" é um plano de fundo importante a ser analisado pelo historiador que se propõem a trabalhar com essas fontes em sua pesquisa. Estes fatores são necessários e não devem ser descartados durante a análise que se fundamenta na curiosidade de investigar o que circunda a operação destes modelos de escrita, promovendo um processo mais amplo em prol da construção de uma narrativa historiográfica a partir da sua relação com a literatura.

1.3 Tensões sociais e literárias: José Lins Do Rego e o regionalismo

Ao buscarmos trilhar os processos de estruturação da literatura brasileira observamos que por um longo período, assim como em outros lugares do mundo, esta não se distanciou

do poder da caneta centralizado em mãos de poder. As Personalidades que conseguiram entrar no imaginário nacional são celebradas ainda que existam algumas controvérsias.

A ambientação das obras literárias e o núcleo familiar descrito por elas com frequência se focaram na idealização de famílias notáveis e no imaginário dos grandes intelectuais. Em sua obra: *A história da literatura brasileira*, José Veríssimo nos apresenta como interpreta esse processo e quais seriam os requisitos necessários para enquadrar escritores como referências que deixam marcas na história da nossa literatura:

A história da literatura brasileira é, no meu conceito, a história do que da nossa atividade literária sobrevive na nossa memória coletiva de nação. Como não cabem nela os nomes que não lograram viver além do seu tempo também não cabem nomes que por mais ilustres que regionalmente sejam não conseguiram, ultrapassando as raias das suas províncias, fazerem-se nacionais. Este conceito presidiu à redação desta história, embora com a largueza que as condições peculiares à nossa evolução literária impunham. Ainda nela entram muitos nomes que podiam sem inconveniente ser omitidos, pois de fato bem pouco ou quase nada representam (VERÍSSIMO, 1915, p.11).

Deste modo para Veríssimo, apenas os autores que conseguiram se consagrar em todo território nacional seriam os verdadeiros nomes que auxiliaram na estrutura de uma literatura brasileira. A provocação é interessante para visualizarmos lugares de privilégio e a concepção de uma suposta unidade literária consagrada não apenas regionalmente, mas em todo país.

No livro *Literatura e sociedade*, Antonio Candido (2006) afirma que historicamente a literatura brasileira baseou-se desde sua fundação na influência de Portuguesa, direcionando-se a um público limitado de letrados. O autor classifica dois momentos importantes para que as produções nacionais se desenvolvessem exponencialmente, rompendo com a dependência portuguesa, no fim do século XIX, por meio do romantismo em uma tentativa gradual de desligamento e o modernismo no século XX que já a supera.

A expressão literária modernista se encorpa tomando notoriedade impulsionada por um acontecimento notável, a semana de arte moderna de 1922, que proporciona ao modernismo brasileiro visibilidade como movimento literário, surgido com diversas controvérsias debates e possibilidades férteis para novas formas de expressão e compreensão de correntes literárias nacionais.

Para Antonio Candido: “A Semana da Arte Moderna (São Paulo, 1922) foi realmente o catalisador da nova literatura, coordenando, graças ao seu dinamismo e à ousadia de alguns protagonistas, as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música, nas artes plásticas.” (2006, p. 125). Necessário pontuar que o Brasil vive no início do

século XX a efervescência de manifestações nos mais diversos espectros sociais que almejam ideais de mudança:

As agitações sociais, trazendo ao nível da consciência literária inspirações populares comprimidas, esboçavam-se também aqui, embora em miniatura. No campo operário, com as grandes greves de 1917, 1918, 1919 e 1920, em São Paulo e no Rio, a fundação do Partido Comunista em 1922. No setor burguês, com a fermentação política desfechada no levante de 1922, mais tarde na revolução de 1924. Finalmente, não se ignora o papel que a arte primitiva, o folclore, a etnografia tiveram na definição das estéticas modernas, muito atentas aos elementos arcaicos e populares comprimidos pelo academismo (CANDIDO, 2006, p.128).

Os decênios iniciais dos anos 1900 trouxeram movimentação a um país envolto a um momento transitório, atrelado ao espírito de ebulição social que enquanto busca seus direitos básicos e se diversifica na política, se preocupa em demarcar o seu lugar enquanto produtor de literatura, arte e nas demais esferas culturais. A semana de arte moderna de 1922 proporcionou não só maneiras e possibilidades de pensar arte e o moderno, mas foi por meio das divergências e necessidades as quais o proposto por ela não conseguiria abarcar que florescem outras formas de expressão se ramificando em movimentos literários adjacentes e seus prósperos representantes.

O modernismo inicialmente foi em suma encabeçado por sudestinos, tratava-se da região mais próspera artística e economicamente nesse contexto, com forte influência sob as demais localidades do país. Como nos afirma Azevedo (1996) muitos literatos começam a enxergar São Paulo como meio de inspiração, uma espécie de modelo em que suas produções deveriam se espelhar. Esse fato teria o adicional de que as regiões sudeste e nordeste vivem momentos bem distintos durante esse período: "O Nordeste, no início dos anos "1920", vive um momento de falta de perspectiva, decorrente ainda da decadência da economia açucareira." (1996, p.25). O desnível regional era nítido.

De modo que as regiões brasileiras são observadas por óticas diferenciadas, a região sudeste, principalmente as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro vivenciam a efervescência do progresso, ao contrário da região nordeste que colhe os frutos e reflexos do atraso. Segundo Albuquerque Júnior no livro: *A invenção do nordeste e outras artes* (2011) o espaço nordestino vivia uma crise de conflitos internos que refletiam intimamente a sua dificuldade no processo de modernização, adaptação a novos meios de produção e sua estrutura política em comparação às grandes cidades do sudeste.

No entanto é importante salientar existir um grupo de intelectuais com a intenção de operar seus escritos além do eixo Rio/são Paulo, cansados da política café com leite

intelectual que comandava o país e opostos a propostas modernistas que fossem radicalmente excludentes aos ideais de tradição. O movimento dos escritores regionalistas tradicionalistas buscava demarcar o seu próprio espaço dentro do modernismo, que possibilitasse ser moderno sem esquecer as raízes tradicionais.

Essa efervescência regional começa a galgar novos patamares. Albuquerque Júnior (2011) afirma que nesse período o Brasil vive a ascensão de um novo regionalismo, focado nas mudanças que o país enfrentava nos mais variados âmbitos sociais, com uma parcela considerável de visões proporcionadas pela arte e ideias que pautam o modernismo, mas sem o abandono das tradições. Nesse momento de ambiguidade houve mudanças nos campos literários que com frequência adicionam um tom mais crítico e visão mais segmentada ao discurso, conseqüentemente se fortaleceu a literatura regionalista:

A literatura regionalista procura afirmar a brasilidade por meio da diversidade, ou seja, pela manutenção das diferenças peculiares de tipos e personagens; por paisagens sociais e históricas de cada área do país, reduzindo a nação a um simples somatório dessas espacialidades literárias diversas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.65-66).

O autor Albuquerque Júnior (2011) complementa que o regionalismo tradicionalista tem como um dos seus maiores incentivadores o sociólogo recifense Gilberto Freyre, que ao retornar ao país, escreve um artigo no *Diário de Pernambuco*, em 22 de abril de 1923, neste escrito critica o modernismo excludente em nome do tradicionalismo, Também foi o responsável por escrever o *Manifesto regionalista* em 1926, inicialmente tratou-se de um amontoado de discursos e só algum tempo depois teve sua publicação oficializada. O conteúdo expressa a valorização dos costumes regionais como algo também moderno, que se afasta de qualquer ideia de segregação, entendido como uma proposta importante para que se conhecesse o país.

A data do manifesto causa divergências entre pesquisadores que alegam que o estudioso teria o escrito depois, o que justificaria a demora para ser publicado oficialmente, essa imprecisão acarretou na incerteza sobre o ano de autoria:

Pelo conteúdo impresso em suas páginas poderia, sem restrições, ser lido como mais um roteiro temático da proposta regionalista freyriana o que, de resto, está implícito na própria noção de manifesto. O problema é que, nos anos 1920, que marcam o proselitismo de Gilberto Freyre em torno da organização do movimento regionalista, o tal Manifesto simplesmente inexistiu. Efetivamente, só virá a lume bem depois, em 1952, apesar da versão do seu autor de que o teria apresentado aos participantes do I Congresso Regionalista, em fevereiro de 1926, no Recife (DANTAS, 2015, p.75).

O chamado regionalismo tradicionalista ascende como narrativa em meio a um contexto em que a sociedade brasileira vive o processo de transição econômica que se distribui de maneira desigual em suas regiões, no entanto, a literatura regionalista não se coloca no campo de rivalidades regionais, mas na probabilidade de um reconhecimento entre elas por meio do resgate às tradições, que diferiram em certos aspectos, mas seriam comuns em outros. Juntando o quebra-cabeça territorial, para que se forme a identidade nacional.

Este movimento não teve Gilberto Freyre como expoente ao acaso, Albuquerque Júnior (2011) nos aponta que o estudioso vivia na área de maior ebulição cultural do Nordeste neste período, a cidade de Recife. Os intelectuais filhos de senhores abastados migravam para a capital, o *Diário de Pernambuco* e o congresso regionalista provam a sua importância nesse processo, e Gilberto Freyre como um dos nomes mais influentes para que o espaço recifense se apresentasse como um pilar teórico nordestino.

Gilberto Freyre temia que a região nordeste e principalmente a cidade de Recife perdesse suas características, em meio às mudanças propostas pelos ideais cosmopolitas. Rezende (1996) afirma que nesse recorte temporal Recife passa por pressões para modernizar-se, a imprensa divulgou maciçamente a higienização das cidades, o alargamento de ruas, mudanças arquitetônicas e a expansão do cinema. A parte elitizada da cidade se mostrava cada dia mais interessada na moda e em bens de consumo, caracterizados como modernos. Nessa conjuntura o ambiente recifense pulsa gritantes disputas entre o tradicional e o moderno.

Para além de questões estruturais, os estudos de Ceballos (2003) nos apresentam que na década de 1920, o Nordeste e principalmente a capital pernambucana passa por uma crise masculina, as mulheres começam a ocupar cargos que eram frequentemente dominados por homens. Esses apontamentos ganham grandes proporções ao ponto que as novas conjunturas sociais eram expostas nos jornais e romances da época. Os novos costumes femininos e suas práticas eram interpretados, como exemplo de ‘maus costumes’ que devem ser evitados.

Na década seguinte os romances literários seriam importantes refletores culturais desse contexto. Em seu artigo intitulado: *A revolução de 1930 e a cultura*, Antonio Candido (1984) afirma que a década de 1930 se formula como um catalisador das ideias experienciadas no decênio anterior, houve um aumento perceptível na diversidade de produções artísticas e não só nelas, como em vários setores sociais, educacionais e arquitetônicos. A influência política se apresentou mais firmemente nas obras literárias e ainda mais se falarmos dos ensaios sociológicos.

Os escritos do cientista social Carlos Nelson Coutinho, no ensaio: *Cultura e sociedade no Brasil (2011)* também corroboram que as mudanças literárias ocorridas em "trinta" tiveram influência direta das transições que o país começará a viver ao dar os primeiros passos para se tornar um ambiente capitalista. Além das transformações nos meios políticos com a criação de novos partidos no Brasil como o PCB e as mudanças nos meios de produção.

Nesse contexto fortifica-se a segunda fase do modernismo, os autores escrevem sobre assuntos direcionados que propiciam reflexões pertinentes sobre a formação identitária dos indivíduos, ambiente e o espaço em que vivem. Apesar de frequentemente inclinados a problemáticas da sua própria região, (neste caso com grande empenho do Nordeste) não se implica estarem alheios a questões gerais do país, muito pelo contrário, buscavam o conhecê-lo ainda mais.

Parece que o Modernismo (tomado o conceito no sentido amplo de movimento das idéias, e não apenas das letras) corresponde à tendência mais autêntica da arte e do pensamento brasileiro. Nele, e sobretudo na culminância em que todos os seus frutos amadureceram (1930-1940), fundiram-se a libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação política e reforma social; o ardor de conhecer o país. (CANDIDO, 2006, p.132).

Com a consolidação da literatura regional durante a segunda fase do modernismo nomes importantes tornaram o movimento uma grande corrente. Os romancistas regionalistas de 1930 ambicionam a vontade de tomar as rédeas das suas próprias histórias, através da valorização da memória e da oralidade na tentativa de dar voz às questões vivenciadas em seus próprios espaços. Os autores se empenham em tratar questões sociais costuradas ao cotidiano regional, como nos indica, Albuquerque Júnior (2011):

O chamado "romance de trinta" institui como "temas regionais": a decadência da sociedade açucareira; o beatismo contraposto ao cangaço; o coronelismo com seu complemento: o jagunço e a seca com a epopeia da retirada. Esses temas, presentes na literatura popular, nas cantorias e desafios, no discurso político das oligarquias, foram agenciados por essa produção literária, tomando-os como manifestações que revelariam a essência regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011. p.137).

Com uma escrita que valorizava o coloquial no universo cotidiano foi questão de tempo para que o movimento regionalista se tornasse uma forte corrente literária no país, nos dizeres de Candido (2006), o movimento protagonizou um crescimento súbito nas produções de romances com tom crítico referentes a problemas de cunho social. Com frequência os personagens servem como plano de fundo para estruturação e ambientação do contexto em que se inserem:

A prosa, liberta e amadurecida, se desenvolve no romance e no conto, que vivem uma de suas quadras mais ricas. Romance fortemente marcado de Neo-naturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José Lins do Rego); poesia e luta do trabalhador (Jorge Amado, Amando Fontes); êxodo rural, cangaço (José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos); vida difícil das cidades em rápida transformação (Érico Veríssimo). Nesse tipo de romance, o mais característico do período e frequentemente de tendência radical, é marcante a preponderância do problema sobre o personagem. É a sua força e a sua fraqueza (CANDIDO, 2006, p.131).

Ainda que os componentes dos chamados "romances regionalistas de 1930" tivessem seus pilares de sustentação, existiam divergências e especificidades. Seria equívoco afirmar que se tratava de um movimento homogêneo. Ainda que a valorização da tradição dentro das narrativas que mesclam recordações e recortes do cotidiano fosse algo comum, cada autor se expressava à sua maneira. Em meio a essa atmosfera ambígua e próspera, o literato paraibano José Lins do Rego, ascende no campo das letras influenciado por autores contemporâneos do período, mesmo os de outros campos de atuação da escrita, a exemplo, do sociólogo Gilberto Freyre.

O fato é que José Lins assim como outros literatos havia iniciado no mundo das letras através das crônicas nos noticiários, este era o caminho mais lucrativo e respeitado para quem apreciava se expressar por meio das letras. De acordo com Chaguri (2012) A expansão no consumo literário dos romances regionais de 1930 está ligado ao crescimento de editoras como a José Olympio e seu estímulo às produções de José Lins Do Rego e outros romancistas, propiciando-lhes a oportunidade de se dedicar por completo ao gênero literário.

No entanto, não era do alcance de todos, ao tratar sobre a recepção editorial da literatura no Brasil, no recorte temporal do lançamento de romances nos decênios de 1930 e 1940, Miceli (1979) pontua que foi um momento possível de se observar autores que pudessem se dedicar apenas à escrita literária, entretanto tratava-se de um número reduzido: "De fato havia apenas um grupo restrito de escritores que puderam se consagrar em tempo integral a produção de obras literárias artísticas [...] Jorge Amado, José Lins Do Rego, todos eles concentrando o grosso da sua produção nos romances que lançaram no mercado [...]"(MICELI, 1979, p.121).

Em 1932, José Lins Do Rego escreve seu primeiro romance indo ao encontro do gosto popular. Neste contexto, os romances regionais começam a ganhar o grande público e são publicados em grande escala. Algumas de suas obras foram classificadas como o "*Ciclo da cana-de-açúcar*" sendo elas: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943). Seguem um percurso de ambientação similar, mas ao

mesmo tempo único, ao tratar do Nordeste, migração, memórias, hierarquia social e patriarcalismo rural. A insistência por estas temáticas são utilizadas como pilares de fortalecimento de sua memória representativa:

O romance de José Lins do Rego, por exemplo, apoia-se nos processos narrativos populares dos cantadores e contadores de histórias. Uma narrativa sem argumento centralizador e poucos diálogos, muito mais um depoimento interior, em que diferentes vozes, sejam populares ou não, comungam de uma mesma visão de mundo [...] Fala-se da casa-grande como um mundo onde as vozes, embora hierarquicamente dispostas, são pouco diferenciadas. Uma narrativa em que diferentes vozes falam para afirmar muito mais uma cordialidade, uma familiaridade entre elas, do que para afirmar suas dissensões, embora estas ocorram, notadamente, quando partem dos grupos marginais à sociedade patriarcal, como os grupos urbanos ou não ligados diretamente à terra, como os artesãos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.130-131).

Ainda que o romancista apresenta os conflitos e as mudanças de perspectivas, elas se colocam como mais um elemento de expressão na narrativa do cotidiano, em que o cerne principal é o conflito interno imbuído das saudades de um tempo que não volta mais. Seu contexto histórico justifica a necessidade em recordar o que se perdeu ou teme perder. É instigante como mescla com mestria seus temores e suas contradições do "vivido" e o "imaginado".

O literato reflete por meio da sua prática a construção de suas representações, postulada no caráter regional. Um exemplo rico de fonte para o historiador, pois possui um amplo campo de possibilidades para estudos comportamentais de uma sociedade nordestina no Nordeste açucareiro por serem ricas em verossimilhança: "Para José Lins Do Rego qualquer método disciplinador da elaboração de um romance, está fadado ao fracasso, uma vez que viola a natureza, falsificando a vida." (CASTELLO, 2001, p.95). De modo que para o romancista as vivências comportamentais e cotidianas eram o seu meio inspirador.

Na palestra intitulada: *A história literária de José Lins Do Rego*, o autor Lêdo Ivo nos dá uma direção pertinente dos elementos que permeiam a descrição regionalista posta por José Lins do Rego em seu primeiro romance:

O que distingue José Lins do Rego nesse romance não é apenas a ambigüidade da narrativa. Uma narrativa ao mesmo tempo real, imaginária, em que há documentação de todo o universo rural, a vida do engenho, com todos aqueles personagens que vão desde o senhor de engenho até os párias que o cercam, mas também o registro da linguagem, de uma linguagem seminal, a linguagem do Nordeste, e ao mesmo tempo de uma esplêndida e invejável linguagem literária. (IVO, 2005, p. 27)

Como debatido durante a primeira parte desta pesquisa, José Lins do Rego pauta sua escrita na memória regionalista patriarcal de engenhos. Outras produções a tratar da temática

que tiveram considerável repercussão nos decênios iniciais do século XX foram os estudos histórico-sociológicos nomeados de “ensaios”.

Os estudos sociológicos de 1930 dedicavam-se ao empenho por compreender nas raízes coloniais, as origens de nossa identidade enquanto nação, além das influências do patriarcalismo rural nas sociabilidades do país dentro das esferas de continuidades e descontinuidades. Discutiremos melhor no próximo capítulo como esses estudiosos descrevem esse conceito e em que se baseavam. Essa discussão se fará pertinente enquanto base teórica para posteriormente entendermos em que se pautam as representações feitas por José Lins do Rego.

CAPÍTULO 2

SENHOR, AÇÚCAR E PROPRIEDADE: UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A SOCIEDADE PATRIARCAL RURAL DE ENGENHOS, NA PERSPECTIVA DE JOSÉ LINS DO REGO E DOS ENSAIOS SOCIOLÓGICOS DE 1930

Neste capítulo nos propomos a uma breve análise sobre a percepção de José Lins do Rego sobre os engenhos, além de uma discussão do patriarcalismo rural sob o ponto de vista da historiografia, no intuito de compreender como se fundamentam as raízes da sociedade patriarcal rural brasileira na perspectiva dos ensaios sociológicos de 1930, promovendo um debate por meio de leituras, tais como: *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda e *Casa grande & senzala* (1933) de Gilberto Freyre, com a finalidade de observar suas abordagens distintas sobre o tema e quais os reflexos delas quanto maneira de contextualizar este conceito.

2.1 O patriarcalismo rural açucareiro para José Lins Do Rego

O primeiro romance de José Lins do Rego intitulado *Menino de Engenho*, revisita suas memórias de infância e representa o contexto histórico de peraltes a angústias de um menino na região nordeste durante o processo de declínio dos engenhos tradicionais e início da ascensão das usinas. Lêdo Ivo nos dá um panorama de como ele descrevia este espaço:

[...]dele se evoca uma espécie de perfume de tristeza, de sensação de tristeza, de uma sociedade dividida entre senhores de engenho, cossacos, moleques da bagaceira, aguardenteiros, arrieiros, vaqueiros, tangedores de bois. Foi essa sociedade dividida que ele, desde o começo, soube retratar. José Lins do Rego foi o romancista da decadência, da agonia rural, do surgimento da usina e da transição econômica. E ao escrever esse romance, ele sempre expressa um tom de saudade de si mesmo, de saudade da infância (IVO, 2005, p. 29).

O romancista usufrui de suas lembranças como plano de fundo para a construção do enredo, embora se utilize de alegorias proporcionadas pela trama literária o tom saudosista e memorialista do autor transborda e se sobressai. A combinação do que viveu com o que imaginou cria paralelos importantes e fortalece a sua escrita na demonstração de vivências estruturadas nas relações familiares no meio rural: "Em pessoas da família, desde o

patriarca-avô José Lins, o romancista encontra as melhores e mais ricas sugestões para a fixação de tipos e recriações." (CASTELLO, 2001, p.20). Uma memória afetiva direcionada às socializações dos ambientes rurais do açúcar.

Boa parte das produções deixadas por José Lins do Rego são produtos que misturam seu passado afetivo com suas preocupações contemporâneas, ambas advindas das suas próprias experiências e do que observava em seu cotidiano. O autor, fruto do engenho corredor no município de Pilar-Paraíba, não coincidentemente escreveu suas principais obras focando-se no cotidiano desses espaços de maneira fortemente nostálgica. "Entre os ficcionistas voltados para a representação do nordeste, José Lins Do Rego se destaca pela harmonização de experiências vividas da infância e adolescência com a tradição rural e patriarcalista." (CASTELLO,2001, p.83). Estes elementos são clássicos em suas descrições literárias.

A memória afetiva de José Lins do Rego o permite a elaboração de traços descritivos do ambiente rural e do sistema patriarcal de maneira que suas intenções em relação a esse processo estejam fortemente atadas às suas vivências. As saudades desses locais que lhe proporcionaram tantas alegrias durante a infância se entrelaçam a visão que tinha referente a essas estruturas em processo decadente, para ele a decadência desses espaços finda também no declínio das sociabilidades proporcionadas por eles, a ótica do afastamento é um exercício dificultoso, sua análise descritiva optava pela configuração desses locais como fomentadores de memórias

Compreender a "alma de sua terra", descobrir sua identidade também era a preocupação de José Lins do Rego. Para ele, organizar a memória pessoal era organizar a memória regional. A descoberta da "psicologia regional" era a descoberta da própria região, que passava também pela descoberta de si, de sua identidade como pessoa e como intelectual. O Nordeste é essa imagem espacial interiorizada na sua infância no engenho Santa Rosa [...] Um espaço melancólico e cheio de sombras; um espaço de saudades. A intenção inicial de escrever a memória de seu avô, como contribuição para que as novas gerações não esquecessem estes homens que haviam feito a glória de uma época na região, transforma-se numa série de romances que surgem sob a influência direta do amigo Gilberto Freyre e da dizibilidade memorialística da região. [...] seus romances expressam uma forma de ver a realidade, um olhar de menino de engenho. É a partir da varanda da casa-grande, como fazia seu avô, que ele olha para a "sua terra", para o Nordeste (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, P. 96 -97).

Para Coutinho (2011), o romance desenvolvido em trinta enfatizando o nordestino foi o movimento literário que abriu espaço às contradições vividas no país, que experiência um contexto histórico em que o entendido por moderno disputa espaço com o tradicional, ao tempo que tentam caminhar paralelamente: "[...] após 1930 certamente introduziu muitas das

reformas modernizadoras necessárias à expansão e consolidação do capitalismo; mas o fez sempre no quadro da conciliação com o atraso, sobretudo com o latifúndio" [...] (2011, p. 196). Nesse sentido o citado pesquisador cita José Lins do Rego como um exemplo de literato que descreve esse encontro entre dois mundos dicotômicos em suas diferenças e permanências:

Também na obra de outro notável romancista da época, José Lins do Rego, podemos vivenciar as tragédias humanas que têm lugar quando da substituição do engenho pela usina, ou, mais precisamente, dos velhos valores de um mundo rural em decadência pelo universo das relações capitalistas, num processo em que o novo conserva do velho precisamente os seus traços autoritários mais perversos, eliminando, ao mesmo tempo, algumas formas de solidariedade humana familiar que a velha ordem ainda comportava. (COUTINHO, 2011, p.196-197).

As representações da memória nordestina canavieira frequentemente partem da imagem de uma região postulada no meio rural fundida em costumes patriarcais. Um olhar definido do seu lugar no movimento regionalista, abordando mais que decadência dos engenhos, mas a resistência de aspectos da vida cotidiana nordestina e valorização tradicional. Seu modelo expressivo acarretou torná-lo um dos maiores literatos brasileiros no que se refere a este gênero entre a década de 1930 e 1940.

O modernismo nordestino se caracteriza pela tradição, pelo sentimento do passado e não por sua destruição, pela valorização da região, por uma descoberta e redescoberta do passado. Tanto é assim que ele deu dois livros fundamentais nesse sentido: *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre e *Menino de Engenho* de José Lins do Rego (IVO, 2005, p.24).

O autor possuía o apreço dos estudiosos da década de 1930, Gilberto Freyre era um dos seus maiores incentivadores e rotineiramente o cobria de elogios. Em "30" de Janeiro de 1944 Gilberto Freyre publica um artigo no *Diário de Pernambuco* intitulado: *Dois livros* em que comenta sobre *Fogo Morto* de José Lins Do Rego e *Terras do sem-fim* do Jorge Amado, nele tece palavras de admiração a escrita de "José Lins", e reafirma o quanto o livro foi enriquecedor para a literatura regionalista brasileira na descrição dos engenhos: "Mas que diminuição haverá para José Lins do Rego ser memorialista do Nordeste que sabe extrair da história social da região paraibana do açúcar o que há nela de naturalmente dramático e dar-lhe forma e sabor de romance?" (FREYRE, 2021, p. 377-378). Ainda nesse escrito, Freyre expressa a importância das contribuições de José Lins do Rego para a literatura brasileira da qual *Fogo Morto* agora faria parte:

Foi nesse feito de memorialista impregnado das sugestões do passado de sua região que José Lins do Rego apareceu a dez anos com seu menino de engenho, seguido de doidinho, Banguê e usina, pequenas obras-primas a

formarem uma obra de interesse singular e encanto único em nossa literatura e a que se junta fogo morto[...] (FREYRE, 2021, p.379).

Observa-se que Gilberto Freyre deixa claro o seu apreço pelo autor e obra, não apenas pelo vínculo cordial e afetivo entre eles, mas também pelos caminhos teóricos semelhantes ainda que produzidos em propostas metodológicas distintas, responsáveis por enquadrá-los em suas respectivas áreas de atuação, fato que não o impede de elogiar a descrição representativa da sociedade patriarcalista açucareira nordestina feita pelo romancista.

2.2 A casa grande e seu cotidiano como representação de uma sociedade patriarcal segundo Gilberto Freyre

A década de 1930 foi diversa em produções por meio das letras, não apenas dos romances regionais, mas também produções na área das ciências sociais que detinham poder através da escrita. Esses estudos se apresentam como meio de defesa a um espaço ou a caráter de crítica a depender da afinidade teórica em relação às raízes nacionais.

Nessa perspectiva a ascensão dos ensaios sociológicos, busca no resgate ao período colonial explicações para continuidades na sociedade, embora as intencionalidades dos "ensaístas de 1930" fossem distintas, o resgate é um ponto crucial para eles, seja como forma de embasamento para justificar admiração e aproximações ou parâmetro de afastamento argumentativo, para que se evite comportamentos que não cabem mais serem replicados.

Com grande repercussão *Casa-Grande & Senzala* (1933) escrito por Gilberto Freyre e posteriormente *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda expressam a dicotomia vivida nesse período, cada um, a sua especificidade encontra no regresso ao passado, uma maneira possível de discutir a identidade da sociedade brasileira, advinda do meio rural, dentro das suas continuidades e descontinuidades, analisando comportamentos, cultura e demais dimensões sociais:

[...] ao começo dos anos trinta do século passado. Veremos aí um momento de crise, assinalado por uma transição que vai impregnar os grandes paradigmas explicativos da cultura brasileira que surgem exatamente neste instante, em livros de autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Trata-se da lenta substituição do modelo agrário-exportador – de raízes imemoriais, fincadas no solo da colonização portuguesa do Brasil – por um modelo urbano-industrial que condensa as transformações em curso desde meados do século XIX: fim do trabalho escravo, chegada dos imigrantes europeus, diversificação da economia, instauração da República, crescimento das cidades, etc (DANTAS, 2015, p.45).

Estas publicações revisitam o Brasil colonial e através dessa regressão elaboram tentativas teóricas explicativas de determinadas condutas sociais e culturais que se

propagaram neste período e atravessaram as mais diversas composições que nos caracterizam como nação. São ricas em caráter descritivo e se propõem a explicar as origens e condicionantes do patriarcalismo rural brasileiro, principalmente a estrutura vivida nos engenhos açucareiros.

Gilberto Freyre se consolidou como um dos estudiosos mais representativos desta discussão e suas implicações. O sociólogo não esconde o anseio de reforçar a ideia regionalista tradicional da sociedade de engenhos como entendimento de conjuntura não somente patriarcal, mas da sociedade brasileira e seus costumes na totalidade. O ambiente açucareiro se apresenta como núcleo de convívio em que os indivíduos viviam com papéis sociais bem definidos, mas em suposta harmonia e consciência do espaço que ocupavam.

De pronto já é possível vislumbrar esses apontamentos logo no prefácio da obra. Freyre (2003) afirma que a casa grande se distanciava muito das residências portuguesas. Ainda que por vezes não fossem esteticamente bonitas, carregavam poder em sua estrutura, servindo como uma espécie de auxílio a toda organização patriarcal e religiosa. Para ele a casa grande representaria um símbolo essencial da sociedade patriarcalista e seus costumes, o autor descreve que esse ambiente incorporava estilos religiosos dos monastérios jesuítas a sua arquitetura para transmitir um ar mais "afetuoso".

Ainda que o estudioso tenha se tornado um dos maiores expoentes ao tratar a temática, suas colocações e apontamentos causam muita divergência e debates entre pesquisadores. José Carlos Reis (2003) afirma que as colocações de Gilberto Freyre sobre a sociedade patriarcal e a ideia de colonização portuguesa no Brasil vista sob olhar saudosista e por vezes positivo, gera inúmeras controvérsias e questionamentos sobre os seus caminhos metodológicos. A maioria das críticas se baseiam na sua teoria sobre a miscigenação e a gratidão ibérica acentuada em sua escrita. Essa abordagem elaborada pelo autor é o motivo que Dantas (2015) nos aponta como sendo uma das motivações de tantas controvérsias:

Aqui chega-se ao cerne do olhar senhorial, inscrito numa elaboração axiológica que "olha" o Brasil e suas origens a partir da varanda da casa-grande. Ao retratar a nobreza e a grandeza dos patriarcas e de suas residências, o antropólogo quer recuperar e ao mesmo tempo nos fazer lembrar – o passado glorioso da região que ora debate-se em uma crise que parece sem fim (DANTAS, 2015, p.48).

O autor demonstra verdadeiro apreço pelas casas grandes e as apresenta como sendo fontes importantíssimas de análise social da história do nosso país. "A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro[...]" (FREYRE, 2003. p. 44). Ele enxerga esses ambientes como ricos em amostras do cotidiano e costumes culturais em suas

espécies de rituais diários. Ao analisar a questão desses locais pela ótica de Gilberto Freyre, Reis (2003) afirma: "O tempo brasileiro é observado e medido na moradia brasileira, na sua vida familiar." (2003, p. 67) sob essa perspectiva estes espaços eram mais que construções ou simples moradias:

Ali se concentravam as principais atividades brasileiras, nos séculos XVI-XVIII. Além de moradia, ela era fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, convento de moças, banco... Ela não era um mundo à parte, aristocrático, distante. Ela integrava todas as atividades e tipos humanos do mundo colonial (REIS, 2003, p.67).

Seguindo esta trilha entende-se que o sociólogo compreende os engenhos açucareiros como um lugar de convenção social, por meio deles as pessoas ocupavam seus papéis em caráter familiar e social, propiciando assim a criação de laços e fortalecimento de estruturas, isso se confirma quando, Freyre (2003) descreve como sendo locais gigantescos, tudo intencionalmente grande com vários cômodos, onde cada indivíduo morador do ambiente tinha seu local de estadia específico, tanto os pais, como os filhos e as moças solteiras que ainda não haviam encontrado um marido, cada espaço com a sua finalidade:

O estilo das casas-grandes -estilo no sentido spengleriano- pode ter sido empréstimo; sua arquitetura, porém, foi honesta e autêntica. Brasileira da Silva. Teve alma. Foi expressão sincera das necessidades, dos interesses, do largo ritmo de vida patriarcal que os proventos do açúcar e o trabalho eficiente dos negros tornaram possível. (FREYRE, 2003, p.43).

Entende-se que em sua visão era um ambiente tipicamente brasileiro, responsável pela convivência entre as práticas e representações baseadas na validação dos comportamentos sociais durante o período colonial. O espaço se configurava como o centro e o que orbita a sua volta são os anexos, numa relação de interdependência em que as paredes são muito mais do que simples tijolos ou fronteiras entre os cômodos, mas parte do emaranhado histórico que constitui toda essa sociedade do açúcar que na sua visão conseqüentemente seria a brasileira.

O cotidiano familiar, doméstico e a vida sexual são fatores importantes na análise feita pelo autor. Ao referir-se aos casamentos, Freyre (2003) comenta serem eventos grandiosos, aconteciam comumente entre primos, em celebrações arranjadas para se manter a linhagem sanguínea, boa parte das mulheres brancas casava-se muito nova, o que acabará por interromper sua adolescência, a obediência aos pais transferia-se ao marido, eram mães jovens e algumas morriam durante o parto sem ao menos ter oportunidade de conhecer seus filhos. Estes criados em suma pelas escravas negras, convivendo com os filhos delas, absorvendo muitos dos seus costumes e tendo pouca supervisão direta do pai.

Uma sociedade de papéis bem definidos e com poucas alterações, ao representar as raízes do patriarcalismo no país o autor não desprende suas concepções sobre a realidade desse período além da influência de outros elementos temporais de sua vivência que acabam por caracterizar sua escrita e as pretensões que almeja com ela:

Obras como Casa-Grande & Senzala, produzida por um filho da República Velha, indicam os esforços de compreensão da realidade brasileira realizados por uma elite aristocratizante que vinha perdendo poder. [...] E, posto que o contexto é de crise, resulta o desnudamento da vida íntima da família patriarcal, a despeito do tom valorativo, em geral positivo, emprestado à ação do senhorio colonizador, ação que se prolonga, no eixo do tempo, da colônia até o século XX, na figura de seus sucessores, representantes das oligarquias (MOTA, apud, DANTAS, 2015,p.47-48).

Com frequência valoriza o empenho e persistência portuguesa nas terras brasileiras, como apontado por Reis (2003). Para Gilberto Freyre os portugueses se pautaram na organização de uma sociedade às margens do rural e dos canaviais, enfrentaram problemas iniciais para conseguir instituir este espaço, mas ao fim obtiveram sucesso: " A colonização portuguesa feita caracteriza-se pelo domínio exclusivo da família rural."(2003, p.71). Resumidamente para José Carlos Reis a visão de Gilberto Freyre sobre a influência portuguesa fundamenta-se que:

O português, então, tornou-se luso-brasileiro, o fundador de uma nova ordem econômico-social, o criador de um novo tipo de habitação, que seria o símbolo da nova civilização. A casa grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico-social e político: a monocultura escravista, o patriarcalismo católico e polígamo. Foi ali que se estabeleceu o novo dono do Brasil (REIS, 2003, p.70).

O lugar de escrita do autor fomenta a sua busca por referências, que se pautam no saudosismo e numa espécie de conformismo apaziguador, em que alguns fatos ocorreram para que se desencadeassem outros e os meios justificam os fins, o português teria extrema relevância. É essencial que tenhamos isso em mente para analisarmos qual tipo de representação Freyre pretende fazer e no que elas se pautam para o desenvolvimento de sua escrita:

Freyre prossegue o caminho inaugurado por Varnhagen na defesa do passado colonial brasileiro; sua interpretação do Brasil é continuísta, conservadora, passeísta, lusófila, patriarcalista, escravista, colonizadora. Seu olhar é um olhar "branco", aristocrático, elitista, embora muito sofisticado (REIS, 2003, p.58-59).

A posição social do autor tem grande peso no seu posicionamento quanto teórico e escritor, ao descrever a família patriarcal rural parte do modelo que acredita ser o pilar central das raízes desse sistema, uma conjuntura familiar que o influenciou e acreditará influenciar a

vida de todos os brasileiros. Ao elaborar sua proposta não se coloca apenas ao papel de descritor de acontecimentos, mas também como defensor de uma memória

A partir desse entendimento compreende-se o porquê para Gilberto Freyre seria inviável ignorar a influência dos engenhos na formatação do patriarcalismo rural brasileiro, desde a sua estrutura até a influência no código de conduta cultural e social do país. O seu olhar era direcionado a formulações que fossem compatíveis aos moldes que ele argumentava. Uma proposta fundamentalmente explicativa de um formato tipicamente brasileiro, miscigenado, com forte influência portuguesa e do meio rural.

Propondo que o cotidiano dos ambientes de engenho açucareiros a cada instante jorravam estereótipos de uma hierarquia social que seria a comum a todos, esta perspectiva acabará por possuir um grande papel no imaginário nacional e também nos campos de escrita, inclusive nos por aqui já citados, visto como um símbolo concreto da estrutura familiar do nosso país. No entanto existem autores, que vieram posteriormente e acenam para a ideia de que o patriarcalismo e a formação familiar rural ia bem além das paredes do engenho e da tentativa de modelo hegemônico estabelecida por ele.

2.2.2 O patriarcalismo rural para além das paredes do engenho

A formatação familiar açucareira ganhou a dianteira das narrativas familiares patriarcais. No entanto, posteriormente surgiram estudos questionando a unidade deste modelo. A autora Mariza Corrêa em seu artigo: *Repensando a Família patriarcal brasileira* (1981) nos traz informações relevantes sobre a conjuntura familiar rural além da linhagem dos grandes senhores de engenho, durante o período colonial, ela salienta que frequentemente os pesquisadores interessados nas questões referentes à formação das famílias brasileiras neste recorte, direcionam suas análises apenas aos núcleos familiares moldados em parâmetros patriarcais, de economia açucareira e cafeeira. Ao fim esses modelos se estruturaram de maneiras similares e fomentam uma representação limitada:

A história das formas de organização familiar no Brasil tem se contentado em ser a história de um determinado tipo de organização familiar e doméstica — a 'família -, patriarcal um tipo fixo onde os personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia, e um tronco de onde brotam todas as outras relações sociais. Ela se instala nas regiões onde foram implantadas as grandes unidades agrárias de produção — engenhos de açúcar, fazendas de criação ou de plantação de café — mantém se através da incorporação de novos membros, de preferência parentes, legítimos ou ilegítimos, a extensos

'clãs' que asseguram a indivisibilidade de seu poder, e sua transformação se dá por decadência, com o advento da industrialização e a ruína das grandes propriedades rurais, sendo então substituída pela 'família conjugal moderna' (CORRÊA, 1981, p.6).

Esses arquétipos da família patriarcal brasileira passam a ser entendidos no imaginário popular quase como uma instituição que abarca toda a complexidade do conceito. Deste modo, geração após geração as peças desse tabuleiro de xadrez genealógico são trocadas, mas os papéis e atribuições que carregam no projeto familiar continuariam praticamente os mesmos. Assim a sociedade brasileira seria composta de continuidades comportamentais.

Um ponto interessante a se destacar na análise feita por Corrêa (1981) é que ao direcionar seu olhar a obras como *Casa grande & Senzala* de Gilberto Freyre (1933) e *The Brazilian Family* de Antonio Candido (1972) faz necessária a provocação de que os autores citados e os demais que tendem a filiar-se com a teoria levantada por eles, fazem suas análises a partir de um grupo dominante, famílias consideradas notáveis e com perfil senhorial, em sua perspectiva estas obras falham ao analisar apenas lugares de privilégio da sociedade do país:

O problema principal de ambos os textos — *Casa Grande e Senzala* e "The Brazilian family" — é então o contraste entre essa sociedade multifacetada, móvel, flexível e dispersa, e a tentativa de acomodá-la dentro dos estreitos limites do engenho ou da fazenda: lugares privilegiados do nascimento da sociedade brasileira. Recuando para o interior da instituição dominante num certo momento no Brasil colonial, e fazendo dela seu ponto de observação, os autores assumem o olhar de seus habitantes — os senhores brancos e suas famílias. Sob uma aparente multiplicidade na evocação dos fatos empíricos — aparente porque ele parece mais preocupado com a miríade de detalhes folclóricos e superficiais do que com a multiplicidade produtiva, que produz diferentes formas de relações sociais (CORRÊA, 1981, p.9).

Diante dos apontamentos levantados pela autora a análise elaborada pelo sociólogo e simpatizantes baseia-se em modelos explicativos de investigação limitada, eles se voltam a certos lugares de prestígio e interesse. Ao referir-se sobre as críticas direcionadas à Gilberto Freyre, Antônio Candido pondera a importância da análise do contexto:

É preciso colocá-los no contexto daquele momento para compreender o sentido da sua ação. Um autor como Gilberto Freyre, que parece hoje um sociólogo conservador, significou então uma força poderosa de crítica social, com a desabusada liberdade das suas interpretações. A destruição dos tabus formais, a libertação do idioma literário, a paixão pelo dado folclórico, a busca do espírito popular, a irreverência como atitude: eis algumas contribuições do Modernismo que permitiriam a expressão simultânea da literatura interessada, do ensaio histórico-social [...] (CANDIDO, 2006, p.142-143).

Com o avanço das pesquisas historiográficas sobre o modelo familiar, percebeu-se a dificuldade de se categorizar um único perfil para essa estrutura. O estudo histórico sobre a constelação familiar é extremamente complexo, observamos isso quando nos debruçamos aos estudos da historiadora especialista na área, Eni De Mesquita Samara, que trata sobre as: *Novas imagens da família á brasileira* (1992) ela nos apresenta os desafios enfrentados pelos historiadores que buscam estudar esses agrupamentos, salientando que é um estudo árduo, envolvendo a análise de documentos de naturezas variadas, desde estatísticas de casamento, mortalidade infantil e adultério, todos esses dados devem ser considerados. De modo que cabe ao historiador promover uma análise ampla antes de resumir um único modelo diante um recorte temporal.

Seguindo a trilha acima elaborada por Samara compreendemos em que perspectivas Corrêa se apoia ao enxergar a elaboração feita por Gilberto Freyre e seus simpatizantes como limitada. Se pegarmos como exemplo as questões econômicas, nota-se que além do açúcar, existiam outras matérias primas de produção agrícola lucrativas, percorrendo os campos rurais do país simultaneamente a ele.

Esta afirmativa é confirmada por Corrêa (1981) que pontua que na Bahia, a cultura de tabaco e algodão, durante bastante tempo proporcionou ótimo retorno financeiro com um custo geral muito menor, era um produto mais barato e que necessitava de uma mão de obra reduzida se comparada à utilizada nos engenhos. A própria família às vezes se fazia o suficiente para cuidar das terras. Este fato já distanciava esse núcleo familiar dos exageros da família patriarcal açucareira, em virtude de que as casas grandes são conhecidas por deter um número considerável de empregados.

No entanto, a autora não descredibiliza completamente as contribuições realizadas por Freyre, o foco de sua crítica refere-se à limitação da análise. Deste modo, para Corrêa (1981) a família patriarcal rural postulada pelo sociólogo realmente foi importante e expressiva na formatação de uma cultura patriarcal, a questão é que essas redes familiares não eram as únicas nem existiram sozinhas.

Essa série de provocações levantadas por ela não vem como anulação da sociedade patriarcal de engenho, mas são pertinentes para termos a perspectiva de estruturas familiares além das do açúcar. Tendo em vista que são essas que de modo geral tendem a tomar as rédeas da representação do sistema de identidades familiar no que compete ao período colonial, por consequência se torna o modelo majoritariamente citado pelos autores. Estes apontamentos nos fazem refletir não apenas sobre os personagens que viviam à margem do

senhorio do açúcar e do engenho, mas também sobre a perspectiva da diversidade em outras conjunturas familiares.

Samara (1992) também ressalta que embora haja discordâncias não se descarta que a família patriarcal numerosa descrita por Freyre prevaleceu no nordeste açucareiro, trazendo reflexos posteriores aos modelos familiares nordestinos, no entanto, argumenta em defesa da necessidade de análises mais aprofundadas, cabendo certas ressalvas ao referir-se a este modelo patriarcal às demais regiões do país. Escapando da pretensão de um modelo explicativo único e hegemônico que tenha se postulado em todas as áreas do Brasil.

Apesar das críticas metodológicas feitas ao modelo postulado por Gilberto Freyre, o autor continua sendo importante contribuição para o entendimento e investigação historiográfica de uma memória patriarcal rural brasileira, ainda que parcialmente limitada e enviesada. Ao falarmos sobre a construção de uma memória, observamos o que nos diz Le Goff (1996): "O mesmo acontece com a memória. Tal como o passado não é a história mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica." (1996, p. 49). Nos dizeres de Le Goff a memória por si só não seria a história, mas ela pode ser um dos elementos para que a escrita historiográfica se faça possível. Como um elemento interessante de questionamentos e debates quando ela alcança o viés coletivo.

Pode-se entender as colocações feitas nos ensaios de Gilberto Freyre e estudos simpatizantes não como uma representação geral de uma sociedade patriarcal brasileira, mas uma fonte possível para análise e compreensão parcial de um recorte da sociedade patriarcal de engenhos, originadas de uma pesquisa unida aos interesses do seu tempo, espaço e posição social.

2.3 As raízes da sociedade rural de engenhos, suas continuidades e as implicações do seu declínio sob a ótica de Sérgio Buarque de Holanda

Algo que é de concordância entre os pesquisadores é que nossos costumes independentes de modelo familiar têm muito impacto em sua formulação advinda do meio rural, seja no âmbito social, cultural ou econômico. Espectros de herança colonial rural nos é sentida até mesmo em sociedades posteriores. A estruturação da identidade brasileira não se desprende das raízes da terra e ainda que às formas de trabalho tenham sido ressignificadas algumas hierarquias herdadas da colonização se fazem presentes.

A relação homem, terra e a herança agrária está entrelaçada à história do nosso país desde a sua fundação, foi objeto de estudo de inúmeros pesquisadores dentre eles Sérgio Buarque de Holanda que em seu ensaio, *Raízes do Brasil* lançado em 1936 se propõe a investigar como se deu a formulação da identidade brasileira estruturada principalmente no meio rural, com forte influência ibérica e da personalidade, a ideia de família fundamentada nesse espaço, como também os seus reflexos e oscilações geradas posteriormente quando essa estrutura começa a sofrer ressignificações. O autor apresenta uma visão oposta a de Freyre, sem saudosismo algum ao período colonial, trilhando sua escrita em direção a ideias da necessidade de desprendimento do meio ibérico e rural de costumes para progredirmos quanto sociedade:

Ele era crítico em relação às noções de legados, tradições, nação, raça. Embora historicista, embora valorizando as tradições e a cultura brasileira que se constituiu no passado, em relação ao passado e a essa tradição e cultura, ele queria conhecê-los para esquecê-los, superá-los dialeticamente, para impedi-los de agir sobre o inconsciente brasileiro (REIS, 2003, p.121).

Sérgio Buarque de Holanda tem outra forma de se direcionar a esse resgate do passado. O seu regresso se incorpora numa ferramenta crítica para observarmos que as influências paralisantes dessas estruturas trouxeram para a posterioridade e como os papéis sociais da sociedade ibérica colonial eram contrárias a qualquer proposta de crescimento e evolução social.

Nota-se isso ao observarmos quando este refere-se a autoridade dos senhores de engenho e a atmosfera do ambiente, Holanda (1995) afirma: "Nos domínios rurais, a autoridade do proprietário de terras não sofria réplica. Tudo se fazia consoante sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica. O engenho constituía um organismo completo e que, tanto quanto possível, se bastava a si mesmo." (1995 p. 81). Durante o período colonial a família do meio rural possui estruturas rígidas e quase inabaláveis, se pautavam no catolicismo que expandia seus domínios ao máximo que conseguisse. O sistema familiar era das amostras mais consistentes e resistentes a mudança, não se aceita nenhum tipo de restrição ou questionamento a sua formatação:

Nos domínios rurais é o tipo de família organizada segundo as normas clássicas do velho direito romano-canônico, mantidas na península Ibérica através de inúmeras gerações, que prevalece como base e centro de toda a organização. Os escravos das plantações e das casas, e não somente escravos, como os agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do pater-famílias. Esse núcleo bem característico em tudo se comporta como seu modelo da Antiguidade, em que a própria palavra "família", derivada de *famulus*, se acha estreitamente vinculada à idéia de escravidão, e em que mesmo os filhos são apenas os membros livres do

vasto corpo, inteiramente subordinado ao patriarca, os liberi (HOLANDA, 1995, p.81).

A sociedade colonial brasileira constitui-se fora dos grandes meios urbanos, em que as cidades serviam apenas como complementos, conseqüentemente o poder político era dominado majoritariamente por homens, brancos e fazendeiros, este modo de governo se ampliaria a seus descendentes que se aproveitavam do nepotismo para continuar no monopólio das decisões sociais: "[...] É preciso considerar esse fato para se compreenderem exatamente as condições que, por via direta ou indireta, nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram ainda hoje." (HOLANDA, 1995, p.73).

A abordagem proposta por Holanda promove a perspectiva de analisar continuidades e descontinuidades desse sistema, sendo um marco nos estudos brasileiros. Para Candido (1995) a obra *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda é de extrema importância pois numa época em que autores estariam se direcionando a questões voltadas para o entendimento do biológico, estudos de raça etc. O autor nos serviu uma análise que se preocupa com a cultura, história e entendimento do funcionamento da sociedade colonial brasileira e seus reflexos posteriores, algo que pode nos explicar até mesmo motivações e problemas que alcançaram sua contemporaneidade:

Sérgio Buarque de Holanda puxou a sua análise para o lado da psicologia e da história social, com um senso agudo das estruturas. Num tempo ainda banhado de indisfarçável saudosismo patriarcalista, sugeria que, do ponto de vista metodológico, o conhecimento do passado deve estar vinculado aos problemas do presente. E, do ponto de vista político, que, sendo o nosso passado um obstáculo, a liquidação das "raízes" era um imperativo do desenvolvimento histórico. Mais ainda: em plena voga das componentes lusas avaliadas sentimentalmente, percebeu o sentido moderno da evolução brasileira, mostrando que ela se processaria conforme uma perda crescente das características ibéricas, em benefício dos rumos abertos pela civilização urbana e cosmopolita, expressa pelo Brasil do imigrante, que há quase três quartos de século vem modificando as linhas tradicionais (CANDIDO, 1995, p.20).

O autor de *Raízes do Brasil* propõe-se não apenas descrever o que seria o sistema patriarcal brasileiro, mas dissecando seus pormenores, a pesquisa elaborada por ele vai além de uma descrição técnica e justificativa, se permeia no entendimento de comportamentos e sociabilidades nocivas advindas de raízes históricas da nossa sociedade que insistem em permanecer como conduta até mesmo por tempos posteriores.

Um exemplo a salientar sobre essa preocupação de Holanda (1995) com as continuidades é observado ao modo como este expõe sua crítica ao ideal "personalista" português, que se baseia no culto à figura do indivíduo e no calor de suas emoções, se pondo

acima dos direitos e responsabilidades, valorizando convenções sociais de tratos informais. Ele considera esses fatores como sendo problemáticos para que a sociedade brasileira caminhe em direção ao "progresso".

Esse conjunto de características apontadas por Holanda formariam o conceito do homem cordial, um perfil característico brasileiro, em que a racionalidade dá espaço para a passionalidade. Ao analisar o conceito Ricardo Luiz De Souza nos dá uma ótima definição deste perfil:

A cordialidade brasileira não exclui a violência: pelo contrário, o Homem Cordial é um homem dado a atitudes extremas, capaz de agir com extrema violência. Extrema porque se trata de uma violência que atua fora dos meios legais de coerção, e extrema porque é a expressão de um comportamento incapaz de moldar-se a padrões legais e à ordem pública. A tal ordem o Homem Cordial contrapõe a lógica da esfera privada e de seus códigos particulares, que são os códigos dessa esfera (SOUZA, 2007, p.344).

Esse arquétipo social desenhado pelo autor referente ao "homem cordial" não se prende à questão de cordialidade quanto trato em convivência social mas refere-se a externalização das emoções e sentimentos aflorados, sejam eles bons ou ruins, os colocando frequentemente a frente das questões do bem comum e atrapalhando o funcionamento social das estruturas de organização civil.

Mas nem só de arquétipos sociais se fundamenta sua análise, este também se dedica a explicar alguns pontos que culminaram no declínio da sociedade patriarcal açucareira ruralizada, algumas mudanças econômicas foram agravantes ao processo de declínio dos engenhos, um a se destacar seria a alteração de demandas e de prioridades do açúcar para o café ocorridas a partir de 1840:

É particularmente no Oeste da província de São Paulo — o Oeste de 1840, não o de 1940 — que os cafezais adquirem seu caráter próprio, emancipando-se das formas de exploração agrária estereotipadas desde os tempos coloniais no modelo clássico de lavoura canavieira e do “engenho” de açúcar. A silhueta antiga do senhor de engenho perde aqui alguns dos seus traços característicos, desprendendo-se mais da terra e da tradição — da rotina — rural. A terra de lavoura deixa então de ser o seu pequeno mundo para se tornar unicamente seu meio de vida, sua fonte de renda e de riqueza. A fazenda resiste com menos energia à influência urbana, e muitos lavradores passam a residir permanentemente nas cidades (HOLANDA, 1995, p.173-174).

O êxodo rural com a queda gradual do império dos engenhos é mais que uma questão simplesmente migratória, mas simbólica de desterritorialização da figura do senhor de engenho e daí uma tentativa de ressignificação da sua imagem por outros meios e métodos, de modo que as antigas práticas de dominação não seriam tão eficientes como já foram outrora, tendo que ser readaptadas, para outros tempos e formatos de organização social.

Essa perspectiva nos faz refletir sobre as continuidades do processo de dominação senhorial e os meios de se manter o mandonismo ativo ainda que em outras circunstâncias, estas se apresentaram a outros moldes de demanda, dando vazão a perfis similares, mas com categorias diferentes de ambição, como nos afirma Edgard Carone:

A formação dispersa torna o problema do mandonismo um processo nacional. Desde a Colônia os grandes proprietários de terra vêm dominando de fato, e tornando-se os homens bons (ricos), que compõem as câmaras municipais. Os barões e coronéis representam simples continuidade do sistema anterior, havendo, no entanto, maior amplitude de representação legal que a partir da Independência e, principalmente, do federalismo da Primeira República, acentuam-se os predomínios locais, uma vez que são os representantes das oligarquias latifundiárias que dominam o legislativo e executivo (CARONE, 1971, p.86).

Os perfis senhoriais agora reformulados buscavam a outros moldes fortalecer sua figura de poder, mas em suma, as técnicas continuam similares, estruturadas na relação de dependência, troca de favores e posição social. Segundo Holanda (1995) com o princípio da decadência do meio rural, houve abalo da estrutura ibérica portuguesa. Desta forma, as cidades começaram a exercer uma parcela maior de poder. No entanto, os perfis sociais do homem cordial e o personalismo nepotista já estavam entranhados na nossa sociedade.

Por meio da sua visão cosmopolita o autor acena que a única saída em direção ao progresso do país advinha do rompimento com esses condicionamentos familiares personalistas rurais que atrasam nosso desenvolvimento enquanto nação e democracia. Não cabiam mais as famílias patriarcais originárias aos moldes ibéricos, entranhadas de conceitos coloniais que ambicionam sobrepor as suas próprias regras em detrimento às do estado.

Por esse viés, o sociólogo se baseia nas divergências entre o rural e o urbano como símbolos opostos, em que as perspectivas de permanência do meio rural agiriam contra a evolução no meio urbano. Para Candido (1995) Sérgio Buarque De Holanda "[...]suscita conflitos com a mentalidade urbana. A essa altura, define-se no livro uma segunda dicotomia básica, a relação rural—urbano, que marca em vários níveis a fisionomia do Brasil." (1995, p.15). Explorando o ideal de embate e conflito entre estes espaços.

O ensaísta direciona suas abordagens a partir do seu lugar como intelectual de origem urbana sem saudosismo às estruturas rurais e ao campo, para ele, ao que parece, interessa mais o processo de declínio desse meio, interpretando este fato como um degrau em direção a renovação de estruturas. Esta observação fica mais nítida quando ele reserva espaço para elogiar a produção literária de José Lins do Rego no que compete sobre o processo de decadência do sistema rural:

Um romancista nordestino, o Sr. José Lins do Rego, fixou em episódios significativos a evolução crítica que ali também, por sua vez, vai arruinando os velhos hábitos patriarcais, mantidos até aqui pela inércia; hábitos que o meio não só deixou de estimular, como principia a condenar irremediavelmente. O desaparecimento do velho engenho, engolido pela usina moderna, a queda de prestígio do antigo sistema agrário e o novo tipo de senhores de empresas concebidas à maneira de estabelecimentos industriais urbanos indicam bem claramente em que rumo se faz essa evolução (HOLANDA, 1995, p.175-176).

Deste modo entende-se que para Holanda o ponto interessante da leitura abordada por José Lins do Rego em seus romances, é a representação do declínio latente da antiga potencialidade hegemônica do campo e como o romancista transcrevia esses acontecimentos. Se nós direcionamos precisamente a obra *Fogo Morto*, os personagens se encontram num momento limiar em que a sociedade açucareira já sofre os reflexos desses processos ocorridos anteriormente e descritos por Holanda, sendo o engenho agora uma chama prestes a se apagar, e apenas optando de maneira positiva às mudanças poderão seguir sua trajetória, caso contrário sucumbirão.

O desalento apresentado por José Lins do Rego através dos personagens pode nos levar a uma análise mais profunda sobre angústias que afligiam indivíduos da época na transição dos engenhos em direção aos primeiros passos de uma sociedade capitalista e industrial. Com todas essas mudanças nos mais diversos campos da vida, qual é o seu lugar no mundo? Onde se encaixar nessa "nova conjuntura" de sociedade que se mostra cada vez mais eminente. O fracasso da sociedade de engenho cruzava fronteiras e atravessava espaços muito além dos econômicos, em uma sociedade formulada e atada às raízes do meio rural desde a sua fundação, como pontuado por Holanda.

A naturalidade, personalidade e cotidiano desses personagens que em um determinado recorte temporal sem o auxílio do distanciamento podem ser descritos por uma parcela de estudiosos como a representação do "comum" e do "trivial", posteriormente podem nos explicar comportamentos culturais e sociais de um determinado recorte ou sociedade. Além de propiciar novos questionamentos e abordagens até então ainda não pensadas.

O elogio de Holanda a José Lins do Rego não é gratuita. A descrição do romancista desse mundo em declínio ao longo dos anos foi se aperfeiçoando obra a obra. Se nos direcionamos a *Fogo Morto*, concluiremos que é a produção de José Lins que trata mais abertamente sobre o abatimento gradual dessa estrutura, de acordo com Albuquerque Júnior (2011):

Só em *Fogo Morto* a visão de cima das narrativas anteriores, centradas no discurso do filho da elite rural, dá lugar a uma multiplicidade de visões, o que denota talvez o próprio dilaceramento o mundo tradicional que é tema

do livro, a quebra do consenso tradicional. Embora todos se reportem ao mesmo problema, vêem-no de formas diferenciadas, conflitantes. Homens que agora pareciam perdidos entre dois mundos, entre o mundo patriarcal e o burguês (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.150).

De modo que pode se observar que embora José Lins do Rego tenha aproximações maiores com o saudosismo do ensaio Freyriano, sua representação da sociedade patriarcal vai além de uma ideia de resgate e valorização de costumes, mas é um retrato de uma sociedade em ruínas, ainda que a contragosto e com pesar nas palavras, assim também encontra pontos em diálogo às transições apontadas por Holanda.

Logo, através dos apontamentos aqui feitos entende-se o posicionamento dos ensaístas de 1930 dentro das suas aproximações e divergências sobre a formatação do conceito do patriarcalismo de herança rural. No capítulo seguinte discutiremos a luz dos diálogos descritos na obra *Fogo Morto* de José Lins do Rego, como as práticas e representações patriarcais são descritas e observadas no cotidiano dos personagens durante a narrativa.

CAPÍTULO 3

A REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE PATRIARCAL RURAL EM "*FOGO MORTO*"

Neste capítulo realizaremos uma análise sobre a representação feita por José Lins do Rego da sociedade patriarcal em seu romance *Fogo Morto* sob a perspectiva da relação entre história e literatura apontadas por Sidney Chalhoub entendendo-a como documento possível fruto de um lugar social do autor e contexto histórico, como lugares também de contradições e representações.

No segundo momento propomos um debate sobre a conexão feita por José Lins do Rego com a descrição masculina em crise, discutiremos a luz do texto: *De fogo morto: mudança social e crise dos padrões tradicionais de masculinidade no nordeste no começo do século XX*, de Albuquerque Júnior (2005), com a finalidade de compreender como José Lins Do Rego representa essa masculinidade entranhada a sociedade patriarcal de engenhos. Também nos utilizaremos de alguns apontamentos abordados por Aderaldo Castello na obra: *José Lins Do Rego: Nordeste e modernismo* (2001), para analisarmos as representações feitas pelo literato pautadas no cotidiano e verossimilhança, almejando trilhar os caminhos percorridos por ele durante a obra que caracterizam sua representação sobre declínio da sociedade patriarcal açucareira.

3.1 "*Fogo morto*": O lugar social do autor/escritor

O autor de *Fogo Morto* expressa seu lugar social por meio da escrita. Durante a carreira quanto literato sua origem esteve presente, desde o saudosismo infantil utilizado em *Menino de Engenho* (1932) até os dramas adultos vistos em *Fogo Morto* (1943) sua biografia nos norteia não apenas seu lugar social, mas seu amadurecimento gradual até a produção em questão:

José Lins do Rego nasceu no Engenho Corredor, no município de Pilar, na Paraíba, em 1901. Filho de senhor de engenho, muito cedo perdeu a mãe, tendo sido criado por uma de suas tias, no engenho do avô materno. Após estudar em Pilar vai para o Recife, onde cursa a Faculdade de Direito; aí entra em contato com Gilberto Freyre, de quem se torna grande amigo e admirador. É sob a influência do discurso sociológico freyreano, do seu regionalismo-tradicionista, que José Lins vai se tornar um dos maiores e

mais prolixos romancistas do país. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 148)

Fogo Morto foi lançada em (1943) representa o fim do ciclo da cana de açúcar, temática iniciada em seu primeiro romance intitulado: *Menino de Engenho* (1932), dessa vez de maneira acentuada e singular o saudosismo memorialista dá ênfase e espaço ao desencanto social, que propicia uma descrição estruturada no amargor e desesperança. Se fundamenta na perspectiva de que a vida econômica e social não seria mais a mesma e as pessoas inseridas nesse universo teriam dificuldade de se adaptar.

A obra ambienta-se no processo entre o declínio dos engenhos e a ascensão das usinas. As interações pessoais em recortes do cotidiano permitem a José Lins do Rego apresentar personagens marcados pela incerteza dos dias, que ao se depararem com acontecimentos notáveis na história do nosso país, como a abolição da escravatura e as mudanças nos meios de produção acentuadas pela expansão das cidades acarretam no abalo sistêmico na estrutura de crenças dessa sociedade:

O décimo romance de José Lins, para ficcionar a decadência do engenho, não optou por focar em uma única pessoa, como aconteceu em *Banguê* [...] Em *Fogo Morto*, emergiu de suas páginas a imagem do fim do engenho como um drama coletivo, como um processo que afetaria todos os grupos sociais, indistintamente. José Lins deu um novo tratamento, dessa vez bem mais sofisticado, ao tema da ruína do patriarcado. À época de 1943, o *banguê* como espaço da decadência já havia se tornado um topos literário, elemento discursivo recorrente e tratado pelos mais variados discursos (FREIRE, 2014, p.261).

As inquietações individuais fomentadas em suas obras anteriores, dão passagem a dúvidas coletivas, a loucura e lucidez andam de mãos dadas numa corda bamba que gera extrema tensão e desconforto. A representação elaborada pelo autor agora distancia-se das lembranças doces no ambiente rural no engenho do seu avô, se aproximando da angústia de um ciclo que findava e corroía suas memórias.

A figura masculina é o cerne da obra. O homem como representação tanto da opulência desse sistema como o principal afetado com o declínio, nos denota o sentimento destes indivíduos imbuídos de desânimo sobre as suas próximas escolhas e a suposta "ameaça" aos seus meios de poder. O lugar do masculino é demarcado, tanto por quem escreve, como por quem possui o protagonismo na trama da narrativa. Personagens que sempre estão na borda do emocional, nos atentemos a uma descrição pertinente sobre essas características instáveis utilizadas pelo autor, tecidas por Antonio Candido:

O Sr. José Lins do Rêgo tem a vocação das situações anormais e dos personagens em desorganização. Os seus são sempre indivíduos colocados numa linha perigosa, em equilíbrio instável entre o que foram e não serão mais, angustiados por essa condição de desequilíbrio que cria tensões dramáticas, ambientes densamente carregados de tragédia, atmosferas opressivas, em que o irremediável anda solto (CANDIDO, 1992, p.61).

As vivências do romancista se entrelaçam às de suas personagens. As problemáticas, dúvidas e inquietações experienciadas pelo autor são transmitidas e adaptadas para narrativa. Sua socialização como homem privilegiado do seu tempo possivelmente explica muitas de suas escolhas, recortes e ponderações no que compete a ordem de questões representadas sobre uma sociedade patriarcal.

Para o historiador que tem a literatura como fonte se faz necessário compreender os lugares de interesse do autor e o que acontece no entorno de uma produção literária, Sidney Chalhoub (2015) afirma que embora algumas alegorias utilizadas pelo literato possam estar transcritas de forma deliberada, o contexto histórico que o rege é algo do qual ele não poderá escapar, é nessa perspectiva que os historiadores devem se pautar, investigando as experiências daquele indivíduo e suas sociabilidades, ou seja, questionar a historicidade na escrita e não a retórica como no caso da crítica literária. A intenção é questionar com quem ele deseja dialogar ao produzir esta obra, fazendo com que se situe e enriqueça nossa análise.

Isso nos norteia sobre a importância do lugar social do indivíduo no ato da escrita. Ao falarmos desta questão é importante nos atentarmos ao que nos diz Certeau (2008) chamando atenção ao fato de que a produção através da escrita parte de um posicionamento que respeita vários âmbitos sociais não desprendidos aos elementos de interesse, seja de nossos pares, seja de instituições que nos regem ou da defesa de algum argumento que queiramos reafirmar.

Embora em sua análise Certeau dê ênfase à produção historiográfica, não seria equívoco afirmar que a autoria de toda escrita busca delimitar seu espaço em um campo. Seja ele de cunho teórico e referencial com a pretensão da validação por métodos científicos diante o espaço acadêmico, ou seja, memorialista e representativa que se utiliza da verossimilhança como elemento estruturante, tratando-se da literatura produzida pelo autor de *Fogo morto*.

A escrita literária aos seus próprios meios possui visível influência de defesa de um espaço em que o autor está inserido, no caso de José Lins do Rego ligamos isto não apenas ao fato de sua produção partir de caráter memorialista, mas também em função de sua identificação com a corrente regionalista, fundamentando-se num discurso, que aos olhos mais dispersos aparenta intuitivo, mas na verdade, se mostra muito demarcado, ao ponto de defesa da memória e tradição regional, ficando sua posição social através da escrita.

À vista disso pode-se afirmar que José Lins do Rego também é um homem de *Fogo Morto*, de modo que transparece através da escrita o apego às suas raízes e as tradições, mescladas as configurações sociais de suas vivências cotidianas nestes espaços quando criança, utilizando-se delas como representação da sua verdade. "[...] conforme José Lins Do Rego, seu propósito foi comunicar pela recriação da verdade da qual era portador, isto é, a visão de circunstâncias de origens e envolvimento de experiências iniciais no universo que ele procurou recompor." (CASTELLO, 2001, p.161). Denotando seu lugar como literato mas também quanto indivíduo.

Ao analisar *Fogo Morto* muitos autores se apegam unicamente ao fato de que José Lins do Rego nesta obra em maior grau produz um afastamento considerável das suas memórias afetivas individuais quanto "neto do açúcar". Este ponto é interessante e deve ser salientado, no entanto, embora a carga autobiográfica neste escrito aparente menor, se comparada às suas descrições anteriores, coloca-se através de outros sentimentos reformulados, que não descartam o receio unido a memória cada vez mais distante dos dias gloriosos de sua infância nos engenhos, essa mistura é o que mais o aproxima de seus personagens.

Existe uma carga considerável de intenção nessa abordagem que opta por valorizar questões simples do dia a dia e as dificuldades de adaptação às mudanças, neste caso se expressa em caráter coletivo que acarreta a promoção de um reconhecimento nos que assim como ele, tomados pela saudade da vida no meio rural nos engenhos do Nordeste açucareiro se sentem contemplados:

Em autores como José Lins do Rego, parece haver um desejo pela experiência de sentir saudade, como se houvesse um fetiche por esse sentimento. A saudade exerceria um fascínio, provocaria um bem estar, alegraria corações e mentes carentes de passado. Ela seria,então, uma abertura para o passado desejado, uma janela por onde o tempo pretérito escaparia das ruínas e invadiria o tempo presente, trazendo mais vida e ânimo para aquele que contempla o passado não esquecido (FREIRE, 2014, p.256).

Nessa perspectiva vamos ao encontro do que nos salienta Sidney Chalhoub (2015) os clássicos literários que vão interessar ao historiador são os que apresentam através da escrita do autor uma instabilidade diante a complexidade da indeterminação histórica contemporânea vivida por ele, produzindo um processo de identificação e reconhecimento, ao modo que embora estejamos em recortes temporais distintos a indeterminação histórica também é algo que nos atinge, possibilitando um entendimento social e contexto histórico mais proveitoso e rico.

Seguindo a trilha concluímos que assim como seus personagens em *Fogo Morto*, o romancista ainda que de modo e contextos diferentes vive um processo de inúmeras mudanças sociais e culturais. As representações decadentes elaboradas por ele não desligam-se da indeterminação histórica. Essa incerteza sobre o futuro promove uma sensibilidade notável a sua escrita, já que a modernidade avassaladora surge como uma estrutura que aflige indivíduos do seu tempo e espaço que saúdam o tradicional.

Na obra são diversos os momentos em que observamos o princípio de alguns comportamentos sociais conflitantes, que começam a formular embates entres os interesses dos personagens. De modo que recebem as novas alterações comportamentais sob a ótica de estranheza e resistência.

Esta relação conflituosa se dá principalmente ao caráter da família patriarcal em crise, que se faz constante em seus retratos representativos do Nordeste, seja por um viés saudosista ou a título de explanação. A regularidade temática não ocorre ao acaso, como pontua Albuquerque Júnior (2005) o autor criado nesse ambiente rural de engenho, também sofre de desterritorialização ao enxergar que os tratos sociais e modelos de masculinidade vinculados à vida no campo, tais quais as relatadas no engenho de seu avô não são mais compatíveis com os novos movimentos da sociedade.

3.2 A representação dos homens patriarcais e o núcleo familiar em "Fogo Morto"

Em seus estudos sobre o livro, intitulados: *De fogo morto: mudança social e crise dos padrões tradicionais de masculinidade no nordeste no começo do século XX*, Albuquerque Júnior (2005) nos alerta um ponto em comum entre os personagens desta obra. São representados por problemáticas e angústias vividas sob a ótica do masculino. Centraliza-se na figura de três homens em crise como os pilares principais, que conseqüentemente tornam esses escritos, fontes interessantes para analisar não apenas as questões econômicas do declínio dos engenhos, mas também quanto ferramenta de observação das reformulações e questionamentos das condutas patriarcais:

Abordada até hoje mais como um discurso que fala de mudanças econômicas, políticas, sociais ou mesmo de valores, pouco se tem atentado para o fato de que a obra de José Lins do Rego é um discurso sobre homens em crise, impossibilitados de continuarem reproduzindo determinados padrões de comportamento, determinados valores, hábitos, costumes, relações. É um discurso sobre a crise de uma forma hegemônica de ser pai, de ser marido, de ser filho, de ser homem, de ser macho que estava ficando

impossibilitada pelo desenvolvimento e progressiva hegemonia de padrões urbanos de sociabilidade e pelas mutações nas relações de gênero trazidas pela sociedade moderna (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p.155-156).

Alinhado à perspectiva do exposto acima compreende-se *Fogo Morto*, para além de um retrato de decadência econômica, bem como representações do abalo à soberania social masculina e seus costumes. A escrita representativa do romancista, parte de sua posição quanto homem branco criado envolto a privilégios na sociedade açucareira nordestina, logo compartilha alguns dos sentimentos expressos por seus personagens, que detêm perfis similares e coincidentemente são os principais detentores da narrativa durante a obra.

Ainda que de classes sociais diferentes os personagens principais são homens livres, brancos e com certos privilégios sociais ou aquisitivos, isso nos informa o caráter da intencionalidade e de que lugar partem as inquietações que se projetam as representações feitas pelo autor nesta narrativa de decadência.

A obra divide-se em três partes em que cada uma delas um personagem possui o protagonismo, a primeira tem como protagonista um dos nossos homens de *Fogo Morto* que atende por José Amaro, homem livre, artesão, casado, este carrega o simbolismo de ser um misto de tudo que mais caracteriza o apego ao patriarcal, desde seus costumes antiquados enraizados, até as suas insatisfações, esbravejos e desesperança perante o futuro que o aguardava. O núcleo familiar do personagem "Amaro" trata-se de uma clara representação de um ambiente amargurado, triste e fruto de imensa insatisfação, estruturado na reprodução de costumes machistas como fonte de reafirmação de seu lugar quanto pai e marido.

Na segunda parte da obra, temos como foco o personagem Seu Lula, proprietário do engenho Santa Fé. Este é apegado a arte e a cidade, com preceitos pautados na religiosidade católica. Entretanto bastante ganancioso e para o seu infortúnio dependia inteiramente do meio rural. O personagem cai em extrema soberba e conseqüentemente imerso no sentimento de inveja e impotência se vê levando o empreendimento ao declínio, já que não possui nenhuma aptidão para manter o engenho funcionando como quando seu sogro era o dono.

No encerramento dessa tríade, conhecemos Capitão Vitorino, possivelmente o personagem mais otimista e esperançoso da obra, vive no limiar entre o querer e se entender como uma espécie de herói. Um idealizador por natureza, que tenta se diferenciar nessa sociedade, como um *outsider* alguém que crê não fazer parte dela, no entanto, circula entre os dois meios, a elite e a pobreza, estando na verdade, muito mais inserido do que imagina.

Por meio da exposição rica e atenta a detalhes explorada pelo autor durante a obra é possível observar perfis diferentes, mas que dentro das suas especificidades se encontram em

um ponto em comum, o da revolta e receio. Seja a revolta com a vida que levam, insatisfação com as mudanças e os novos meios de produção ou com o sistema familiar. A angústia e a incerteza é o sentimento que os guia durante toda a narrativa.

Ao referir-se especificamente a *Fogo Morto* o estudioso Aderaldo Castello (2001) afirma que a integração narrativa das três histórias e as interdependências entre elas baseadas no cotidiano nos permite o acesso a mais vivências dos indivíduos que interagem com eles, nos propiciando: “ o clima de desenvolvimento da ação, ao mesmo tempo que a integram na unidade social, econômica, política e cultural do nordeste da época.” (2001, p.119). Entende-se que isso se fomenta com a intencionalidade de promover a ideia de problemas que afetam a todos.

Um desses problemas coletivos é apontado por Albuquerque Júnior (2005) como sendo a questão da solidão masculina. Estes homens se encontram cada vez mais sós, com dificuldade de expressão e com limitações claras aos vínculos sociais que fugissem do ideal de ordem, ao ponto que nota-se que os demais componentes familiares não aceitam mais os seus mandos e desmandos sem nenhuma objeção. Esse processo torna as relações no ambiente familiar consideravelmente conflituosas.

A representação da insatisfação masculina não é feita ao acaso, em virtude que esta é a posição da hierarquia social patriarcal mais afetada com as possíveis mudanças comportamentais. A figura do homem que é frequentemente interpretada como um lugar estável e de controle, se encontra balançada, o que acarreta no temor dos personagens que veem sua zona de conforto social a pequenos passos ser questionada e desvirtuada.

Também se faz importante atentar-se que muitos destes perfis partem de projeções dos personagens sobre si mesmos, como se vêem e idealizam. Uma tentativa de serem notados como indivíduos que auxiliam na manutenção dos costumes culturais necessários para o funcionamento social, quanto supostos "heróis" que criam uma imagem distorcida sobre si, na fuga das frustrações do dia a dia. Segundo Aderaldo Castello (2001), é em *Fogo Morto* que José Lins do Rego consegue postular seu maior poder de síntese, se trata de uma obra que exalta essências humanas dando-lhe um caráter de verossimilhança: "transforma pessoas em personagens e define espaço e tempo próprios nos limites ficcionais da reprodução do real" (2001, p.117).

Assim as representações do autor referentes ao masculino e ao núcleo familiar, pressupõe a ideia de aproximações com a realidade e com os sentimentos de instabilidade que povoam a cabeça dos indivíduos durante um momento de crise e incertezas, partem de suas

próprias observações deste processo o que dá um tom de identificação humana quase palpável a sua descrição.

A perda da submissão é algo que aterroriza estes homens, seja no caráter familiar ou econômico, Albuquerque Júnior (2005) comenta entristecer esses homens a noção de controle esvaindo as suas mãos, pois a sua ideia de supremacia social começará a enfraquecer. "Homens que á quem ninguém mais respeita, nem os pobres, nem os negros, nem as crianças, nem as mulheres. Homens que vivem da aparência[...]"(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p.157). De modo que se extrapola pela descrição o sentimento de receio e amargura desses personagens.

A princípio na esfera familiar as mulheres são representadas por figuras que vivem num ambiente sufocante, não possuem direito a se manifestarem e suas vozes são silenciadas por homens dependentes de sua devoção, companhia e apoio, mas que a todo momento alimentam-se da necessidade de reafirmar o seu lugar quanto superiores. Essa inflexibilidade ao diálogo e as mudanças, são características clássicas da elaboração de uma família patriarcal:

A família patriarcal fornece, assim, o grande modelo por onde se hão de calcar, na vida política, as relações entre governantes e governados, entre monarcas e súditos. Uma lei moral inflexível, superior a todos os cálculos e vontades dos homens, pode regular a boa harmonia do corpo social, e portanto deve ser rigorosamente respeitada e cumprida (HOLANDA, 1995, p.85).

A família de modelo patriarcal apresenta-se como um formato social indisposto ao novo, a ela não interessa o diálogo. Na maior parte do tempo o gênero feminino aparenta ficar à mercê, como escravas dos desígnios estabelecidos pelo pai, irmão, avô e após consumir o matrimônio também do marido, conforme a conveniência determinada por eles. Estas quando se posicionam diante a situações de incômodo, são repreendidas.

Na obra podemos observar essa representação ao ponto que Sinhá, esposa de José Amaro, ao expressar sua insatisfação com a forma que o mesmo se referia a filha, foi advertida. Ainda que possuísse autoridade quanto mãe, para ele a mesma deveria se manter calada e não retrucar as opiniões dadas pela autoridade do pai. Observemos o trecho abaixo:

— Sou pobre, seu Laurentino, mas não faço vergonha aos pobres. Está aí minha mulher para dizer. Aqui nesta minha porta tem parado gente rica, gente lorde, para me convidar para isto e aquilo. Não quero nada. Vivo de cheirar sola, nasci nisto e morro nisto. Tenho esta filha que não é um aleijão.
— Zeca tem cada uma... Deixa a menina.
— O que é que estou dizendo demais? Tenho esta filha, e não vivo oferecendo a ninguém.

A moça baixou mais a cabeça. Era pálida, com os seus trinta anos, de pele escura, com os cabelos arregaçados para trás. O mestre José Amaro olhou firme para ela e continuou:

— Não se casa porque não quer. É de calibre, como a mãe.

— Cala a boca, Zeca! A gente não está aqui para ouvir besteira.

— Eu não digo besteira, mulher. Se não quiser me ouvir, que se retire. Estou falando a verdade. É só isto que me acontece, ouvir mulher fazer má-criação (REGO, 2021, p.15).

José Amaro não admite que a mulher exerça qualquer papel de enfrentamento à sua figura patriarcal difundida por intermédio dos símbolos estruturais de marido e pai. No entanto, percebemos que isso não era mais motivo o suficiente para podar as críticas feitas por ela ao comportamento do marido, o que deixava José Amaro completamente irritado e ofendido, em vista que possui grande resistência às mudanças e a opiniões femininas contrárias. Posicionamento em comum de um patriarca em sua conjuntura familiar: "[...] e principalmente onde predomina a família de tipo patriarcal — tende a ser precária e a lutar contra fortes restrições à formação e evolução da sociedade[...]" (HOLANDA, 1995, p.143-144).

Na visão dos personagens masculinos suas esposas deveriam se limitar aos afazeres domésticos e serem suas próprias sombras, sempre disponíveis ao que lhe fosse solicitado, sem maiores objeções. As opiniões deveriam seguir em concordância às dos cônjuges e a participação social se resumir basicamente a ser a "mulher de alguém". Não estão dispostos a aceitar que o funcionamento do cotidiano familiar ocorra de maneira diferente, quanto as filhas são pressionadas a casar-se, além de não terem a oportunidade de opinar sobre determinados assuntos.

A história das mães e filhas se cruzam geração após geração, o temor de que não seja possível consumir o casamento origina-se de toda pressão social e familiar depositada neste evento. Podemos observar no trecho abaixo, em que o autor salienta que Sinhá casou-se com José Amaro por temor de que fosse vista como "moça velha", e José, já se imbuía de raiva e medo de que a filha Marta tivesse a mesma desventura que quase acometeu Sinhá, para ele seria uma desonra perante a sociedade.

Sabia que a sua mulher Sinhá se casara com ele porque não encontrará outro. Estava ficando no caritó e aparecera ele com promessa de casamento. Fingiu que gostava dele para não ficar moça velha, como agora ia ficando a filha. Uma moça velha. Com pouco, nos dias de quaresma, iam aparecer os engraçados para serrar caixão na sua porta, altas horas da noite, como faziam com as moças de seu Lucindo (REGO, 2021, p.48).

Em outros núcleos familiares a ânsia para o casamento também é pauta, coronel seu Lula possui um ciúme exacerbado da filha Neném o que acabará por afastá-la de todo e

qualquer pretendente, por ser um homem criado na cidade e sem apego ao trabalho do campo, acredita que o investimento educacional dedicado a filha só teria efeito caso a mesma se casasse com algum homem da capital, para se obter perspectiva de futuro:

Quem poderia casar-se com Neném? O capitão começava a medir os rapazes da terra, os homens da várzea que tivessem qualidades para um esposo na altura da filha. Não via nenhum. Todos seriam da mesma laia, sem educação, sem finura para marido de moça que era da mais fina, da mais rara formação. Não casaria a sua filha com gente de bagaceira de engenho. Lembrava-se dos seus parentes do Recife. Havia rapazes com compostura de bons maridos (REGO, 2021, p.225).

Em menor ou em maior intensidade os perfis se repetem, esses personagens exibem frustração ao notar que suas filhas possuem vontades próprias na esfera do interesse amoroso ou até mesmo na ausência dele, já que o casamento é visualizado como uma passagem necessária de convenção social. Isso gera um extremo desconforto e embate familiar, esses indivíduos acreditam piamente numa hierarquia em que suas filhas devem se relacionar com quem fosse da sua escolha, conseqüentemente a vontade delas ficaria em segundo plano. Para que assim colocassem em prática o seu ideal de controle e domínio.

Para Weber (1999) a dominação no cotidiano familiar patriarcal se distancia das formuladas por cunho burocráticos, na vida doméstica ela se baseia em pilares da personalidade e na figura de controle do patriarca como responsável pela manutenção das tradições: "[...]Na crença na inviolabilidade daquilo que foi assim desde sempre." (1999, p.234).

As famílias de estrutura patriarcal possuíam visível dificuldade de adaptação a novos costumes, principalmente advindas do patriarca, o centro dessa unidade e base do controle. No trecho seguinte podemos analisar não só a questão da tentativa do silenciamento feminino como também a ideia enraizada de superioridade masculina, até mesmo quando José Amaro se refere ao fato de ser o "galo que manda", deixando subentendido que a estrutura do gênero se sobrepõe até mesmo às fronteiras biológicas de espécie. Defende a ideia do pai e do masculino no topo quanto detentor das decisões relacionadas ao andamento da conjuntura familiar.

Lá para dentro ouvia-se um gemer de voz, um cantar de ladainha. O mestre Zé Amaro parou um instante, como se prestasse atenção à cantiga.
— Para com isto, menina! Para com isto. Não quero ouvir latomia de igreja na minha casa.
— Deixa a menina, Zeca. Vai bater sola.
— É o que sabe dizer esta vaca velha.
E levantando a voz num grito:
— Para isto. Não quero ouvir latomia de igreja. Na minha casa manda o galo.

Fez-se um grande silêncio. Parou tudo lá para dentro. Apenas um choro baixo se ouvia, chegando surdo, dos fundos da casa.

— Vai ser assim o dia inteiro. Vai ser este choro, esta peitica até anoitecer. Seu Laurentino, o senhor tem filha? Pois é isto que o senhor vê. Não pode um pai fazer nada, que não venha a mãe tomando as dores" (REGO, 2021, p. 17).

Se nos atentarmos precisamente à última fala do personagem percebemos a sua insatisfação com o momento presente, em que segundo ele não poderia exercer mais a sua função como chefe da família sem intervenção externa, a mudança de comportamento e humor de José Amaro, acaba transformando o clima familiar em um ambiente tóxico e intolerante.

Durante a narrativa o personagem demonstra inúmeras frustrações direcionadas à filha, inclusive ao fato de não ter tido um filho homem a quem passaria seus ensinamentos como seleiro, para ele, essa questão o impossibilita de manter as tradições em família: "— Estou velho, estou acabado, não tive filho para ensinar o ofício, pouco me importa que não me procurem mais. Que se danem. O mestre José Amaro não respeita a lição de ninguém." (REGO, 2021, p.14).

Também enfrentava problemas econômicos em seu ofício, pois com a ascensão da industrialização seu trabalho como artesão é cada vez menos requisitado, por fim existem os conflitos familiares sempre acentuados a sua idealização de "poder" quanto pai e chefe da família advinda das raízes patriarcais que se pautam na supremacia masculina e paterna. Essa idealização o fazia sair do controle com mulher e filha caso ocorresse alguma objeção.

A filha começa a apresentar problemas psicológicos e ataques epiléticos, em meio a isso as agressões físicas são utilizadas como desculpa para "curá-la." Se tornando frequentes e acarretando no agravamento do caso. A moça se vê cada vez mais imersa no mundo da loucura e em virtude disso é levada para o hospital Tamarineira em Recife. Sinhá também não resiste à convivência difícil com José Amaro e não retorna a casa. Sem sua filha e esposa a solidão consome o personagem, e mais do que isso, ele vê sua vida perder o sentido, pois o ambiente que ainda lhe restava para exercer poder ruiu, isso agrava o estado de saúde física e mental deste, que agora se vê abandonado.

De modo em que a ação de sua esposa apresenta-se como uma espécie de resistência, mesmo não se colocando de maneira propriamente combativa, aos seus próprios meios busca desvencilhar-se do sistema que a colocaram obrigatoriamente desde nascença, em que sua sorte é trocada de mão em mão e suas vontades são negligenciadas pelas de um homem. Um rompimento de uma amarra social.

Entretanto, numa perspectiva menos otimista a autora Heloisa Toller Gomes (1981) nos salienta o ponto de vista que as mulheres de *Fogo Morto* são representadas a partir de uma perspectiva masculina e frequentemente seus pensamentos e posições são colocadas como fruto da ação dos homens, suas respostas e atitudes são limitadas à sua casa e o ambiente familiar em que o seu caráter reativo se formula a partir de um posicionamento advindo deles.

Embora o apontamento da autora siga uma trilha possível, é importante destacar que as personagens femininas são mais complexas do que aparentam à primeira vista, procuram burlar essa realidade ainda que aparentemente de maneira instintiva e intuitiva, utilizando-se das ferramentas que possuem como meio de sobrevivência e escape nesse sistema hostil. Seja Sinhá vez ou outra com a sua língua solta, Marta e o seu triste escape da realidade ou dona Mariquinha no comando do engenho por alguns anos após a morte de seu marido. Exemplos, que podem ser lidos como reativos, mas também a caráter de resistência.

A ideia de obediência feminina na obra se faz ligada a uma projeção masculina em querer manter as aparências. As personagens femininas de *Fogo Morto* não são mais tão omissas e permissivas, ainda que os homens insistam a colocá-las nessa posição, cada uma à sua forma se utiliza de subterfúgios de sobrevivência social: “[...] a disposição das mulheres em continuar fingindo que o poder ainda se encontra com os homens mesmo que eles não possam mais levar as coisas à frente.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p.167). Para elas, esse modo de ação parecia ser o mais eficiente.

3.3 Mundo em crise: A representação da decadência patriarcal rural em *Fogo Morto*.

As representações do passado sob a perspectiva de uma memória do declínio patriarcal que se projetam em *Fogo Morto* são amplas e atingem muitos espectros da vida de seus personagens, para além do núcleo familiar. Em seu artigo: *Sentidos da crise: literatura e processos sociais em Fogo Morto e cidade de Deus*. Chaguri e Silva (2014) se utilizam de uma análise interessante sobre aproximações e distanciamentos de sociedades em declínio em temporalidades distintas, mas aqui focaremos nas suas colocações referentes a *Fogo Morto*. Ao pontuarem sobre a estrutura central da obra os autores expressam um pouco dos dilemas apresentados:

A estrutura de Fogo morto está assentada no contraponto entre a estrada que liga o engenho Santa Fé à vila do Pilar, oferecendo, também, acesso ao Santa Rosa e às casas do coronel Lula de Holanda, do mestre seleiro José Amaro e do capitão Vitorino Carneiro da Cunha Casas mais ou menos desestruturadas, perto da falência ou da loucura, ligadas por uma estrada que serve de caminho para senhores e moradores de engenho, comerciantes, mestres de ofício e cangaceiros em percursos que, pouco a pouco, apresentam ao leitor os personagens e os dilemas de um universo em ruínas (CHAGURI E SILVA, 2014, p.174).

A ideia é da atmosfera do caos coletivo, que independente da classe social e poder aquisitivo todos enfrentam os dilemas da mudança ao seu modo, representados nos confrontos cotidianos, denotam suas perspectivas confrontadas. Assim fomenta-se a representação de decadência coletiva e sem restrições. Os problemas não são unicamente pessoais de um ou outro personagem, mas fruto do contexto que atinge a todos os grupos sociais dentro de suas especificidades, que apresentam esses problemas de maneira cada vez mais complexa socialmente a depender da posição do indivíduo e suas demandas estratificadas:

A desestabilização do universo dos engenhos narrada em Fogo morto figura conflitos que se tornaram estruturais, ou seja, interesses políticos, econômicos e sociais não conseguem mais se fazerem representar como gerais e, progressivamente, diferentes grupos sociais reivindicarão tanto participação política como direitos sociais (CHAGURI E SILVA, 2014, p.181).

Os perfis econômicos de ofício: o seleiro, o senhor de engenho, o capitão. Os familiares quanto pai e marido, não se fazem mais suficientes para abarcar a complexidade no controle da sociedade republicana que começa a bater à porta.

As relações de trabalho davam indícios de modificação, as cidades começaram a se expandir, conseqüentemente a concorrência e o número de exigências referentes a produção se tornava cada dia maior, o trabalho manual agora encontrava seu opositor, como podemos observar no diálogo abaixo:

— Muito trabalho, mestre Zé?

— Está vasqueiro. Tenho umas encomendas de Gurinhém. Um tangerino passou por aqui e me encomendou esta sela e uns arreios. Estou perdendo o gosto pelo ofício. Já se foi o tempo em que dava gosto trabalhar numa sela. Hoje estão comprando tudo feito. E que porcaria se vendem por aí! Não é para me gabar. Não troco uma peça minha por muita preciosidade que vejo. Basta lhe dizer que o seu Augusto do Oiteiro adquiriu na cidade uma sela inglesa, coisa cheia de arrebiques. Pois bem, aqui estive ela para conserto. Eu fiquei me rindo quando o portador do Oiteiro me chegou com a sela. E disse, lá isto disse: “Por que seu Augusto não manda consertar esta bicha na cidade?” E deu pela sela um preço. Se eu fosse pedir o que pagam na cidade, me chamavam de ladrão. É, mestre José Amaro sabe trabalhar, não rouba a ninguém, não faz coisa de carregação. Eles não querem mais os trabalhos dele. Que se danem. Aqui nesta tenda só faço o que quero (REGO, 2021, p.13-14).

Apesar da tentativa de demonstrar-se firme e manter seu orgulho intacto, percebemos que José Amaro teme que seu ofício seja substituído e a demanda de pedidos se torne cada vez mais escassa, com a ampliação das casas de produção nas cidades, que promovem uma versatilidade maior de produtos, a procura por seus serviços diminuirá. Outro ponto que nos apresenta o desalento do personagem com os novos modelos de vida é a sua observação referente ao engenho, que se apresentava cada vez mais descuidado, fazia falta o pulso firme dos senhores de engenho de outrora, que colocavam as coisas verdadeiramente para funcionar:

O mestre Amaro parou um pouco junto ao paredão do engenho, e reparou nos estragos que a chuva fizera nos tijolos descobertos. Pareciam feridas vermelhas. O bueiro baixo, e a boca da fornalha escancarada, um barco sujo. Lembrou-se dos tempos do capitão Tomás, de quem o seu pai lhe contava tanta coisa, das safras do capitão, da botada com festas, das pejudas, com a casa de purgar cheia de açúcar (REGO, 2021, p.46).

No trecho acima percebemos não só o apontamento saudosista do personagem com o ambiente em si, mas a sua tristeza e insatisfação com quem deveria cuidá-lo e não o faz, ele interpreta a imagem de seu Lula como um homem interessado unicamente no lucro, sem apego nenhum ao local e a terra, diferente de seu Tomás, dono anterior que pelo afinco e gana pelo trabalho fez tudo prosperar. Não existiam mais senhores de engenho como antes.

Com a decadência dos engenhos, Seu Lula se utiliza do que restará da figura e do simbolismo enquanto senhor de engenho para mandar e desmandar, delegando funções a feitores que praticavam inúmeros distratos aos escravos, lidava com esses problemas com enorme indiferença. Ao tempo que não se envolvia diretamente com o cotidiano de trabalho no Santa Fé, se colocava como se coubesse a ele fazer a escolha sobre a vida daqueles que estivessem ao seu domínio.

Nem os homens que se consideravam livres estavam imunes a mão dominadora senhorial, a exemplo de José Amaro que se encontra em crise ao ser expulso das terras do coronel Seu Lula. " Num regime onde as oportunidades de vida são limitadas e a liberdade de trabalho restrita, torna-se fácil, ao coronel, obter um contrôle rígido sobre tôdas as opções locais" (CARONE, 1971, p.86). Logo o personagem usufrui de seu poder perante uma sociedade vulnerável para agir da forma que bem entende.

Nunca possuiu grande apreço ao meio rural, seu apego era com a ideia de poder em detrimento aos fragilizados, o lucro e a figura de prestígio que ser coronel e senhor de engenho poderia proporcionar, subjugando os homens livres por meios aquisitivos e ainda mais nos castigos direcionados aos negros, que se estruturam como uma forma demarcação

do seu lugar quanto responsável pela organização da ordem e convívio social, um meio de manter as aparências, já que é um homem cansado que não realizava maiores esforços para contornar a situação difícil que vivia o engenho Santa Fé.

Tudo o que queria era viver só, sem visitas, sem festas, com seu engenho dando o que lhe desse. Os negros sofriam com seu Lula. A negra Germana quase que morrera com a venda que o senhor fizera do seu filho Chiquinho, que se fora para o sul. Era um moleque perigoso, cheio de vontades e o capitão passou-o no cobre. E o feitor Deodato, com a proteção do senhor, começou a tratar a escravatura como um carrasco. O chicote cantava no lombo dos negros, sem piedade. Todos os dias chegavam negros chorando aos pés de d. Amélia pedindo valia, proteção contra o chicote de Deodato. A fama da maldade do feitor espalhou-se pela várzea (REGO, 2021, p.216).

Os engenhos açucareiros eram cada vez menos lucrativos, esse sentimento de impotência e perda de controle se torna ainda mais latente após a abolição da escravatura, já que a partir deste momento os negros estavam livres e o seu chicote e palavras aterrorizantes não poderiam mais alcançá-los. Este fato desperta desespero em seu Lula que gradativamente vê as últimas faíscas de seu poder definharem, como também a sua saúde que se encontra cada vez mais debilitada.

A casa grande se encontrava agora sem mão de obra para trabalho, o afastando cada dia mais da imagem imponente de senhor de engenho tida anteriormente, este não se sentia confortável nem mais na igreja, único lugar que gostava de frequentar além de sua casa. Suas crueldades dirigidas aos escravos eram divulgadas e repercutidas através das rodas de conversas informais dos negros livres, conseqüentemente abalando o seu universo de aparências de "homem bom" e cristão. Ao descrever o processo de decadência do sistema escravista, Joaquim Nabuco nos informa:

É assim que nas províncias do Norte a escravidão se liquidou, ou está liquidando, pela ruína de todas as suas antigas empresas. O ouro realizado pelo açúcar foi largamente empregado em escravos, no luxo desordenado da vida senhorial; as propriedades, com a extinção dos vínculos, passaram das antigas famílias da terra, por hipoteca ou pagamento de dívidas, para outras mãos; e os descendentes dos antigos morgados e senhores territoriais acham-se hoje reduzidos à mais precária condição [...] (NABUCO, 2011, p.97).

O declínio econômico estava ligado à decadência social, o público e o privado são linhas tênues de serem definidas e visualizadas, se misturam e aterrorizam o personagem aqui representado. Para ele o seu bem estar social estava atrelado ao seu poder aquisitivo, sem isso a apatia e declínio eram inevitáveis. Sérgio Buarque de Holanda comenta que a abolição da escravatura foi um momento imprescindível da sociedade brasileira no que compete ao fim dessas estruturas de predomínio agrário:

Apenas nesse sentido é que a Abolição representa, em realidade, o marco mais visível entre duas épocas. E efetivamente daí por diante estava melhor preparado o terreno para um novo sistema, com seu centro de gravidade não já nos domínios rurais, mas nos centros urbanos. Se o movimento que, através de todo o Império, não cessou de subverter as bases em que as sentava, nossa sociedade ainda está longe, talvez, de ter atingido o desenlace final, parece indiscutível que já entramos em sua fase aguda (HOLANDA, 1995, p.172).

Nos dizeres de Nabuco (2011), as regiões interioranas do nordeste foram as mais afetadas durante o processo de abolição, pois, os homens livres acreditavam até então que a atividade de cuidado a terra era dirigida aos escravos e não se especializaram no desenvolvimento da agricultura, esse processo ainda se atrelava ao fato de que durante a escravidão a exploração da terra era massiva sem nenhum critério. Sendo ainda necessário enfatizar que população geral nunca obteve direito a ela por completo já que viviam como arrendados nas dos senhores, “[...] o grande proprietário conquistou-o à natureza com os seus escravos, explorou-o, enriqueceu por ele extenuando-o, depois faliu pelo emprego extravagante que tem quase sempre a fortuna mal adquirida [...]” (NABUCO, 2011, p.97). Assim, a ganância dos senhores promoviam um desgaste das terras e sua produtividade.

Deste modo, percebe-se que a abolição da escravatura fomentou o abalo nos pilares da sociedade patriarcal rural, desde a forma de se relacionar com a terra, como também os lugares de prestígio ocupados pelos senhores coronéis de engenho e seus agregados, como pode-se observar na exposição de derrota e entrega do personagem Seu Lula durante a narrativa elaborada em *Fogo Morto*.

O sistema patriarcal rural representado por José Lins do Rego no livro para além das questões de gênero, familiares e elementos econômicos é uma estrutura generalizada em que os personagens se valem da ideia de um cotidiano normalizado e trivial, era a estrutura possível e entendida, por isso o temor de se perder o que tem, temendo tornar-se o que se tinha.

De modo que nossa abordagem quanto historiador se foca no estudo desses personagens quanto às representações das sociabilidades patriarcais no meio rural. Os trechos da obra utilizados possibilitam o cruzamento com fontes históricas referentes ao período de decadência dos engenhos e o período de abolição quanto à proposta de análise da verossimilhança a partir de um estudo que preza pela afinidade cultural e social de se produzir a historiografia.

Por fim os personagens elaborados pela escrita do autor acabam por criar uma representação dos diversos coronéis Lulas, Ze amaro's, nos instigando a pensar tantos outros que existiram no sertão nordestino durante a crise e declínio das sociedades de engenho,

processo que afetou não só economicamente como socialmente a região nordeste. De maneira que a obra analisada funciona como recorte de uma memória escrita em papel que reverbera por anos e anos, como um meio possível de análise do cotidiano, receios e costumes desta sociedade açucareira em decadência, ou melhor, de "*Fogo Morto*."

Assim, se coloca quanto documento representativo de uma sociedade patriarcal em decadência, afetada socialmente e culturalmente pelo contexto histórico em que se encontrava. Os diálogos presentes flutuam como um eterno conflito entre os "novos velhos costumes", em que os papéis sociais começam a se estratificar e a unificação social se mostra incompleta e mutável. O patriarcalismo rural vê nas novas configurações sociais uma ameaça que nem sempre poderá enfrentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho a princípio analisamos a importância da expansão dos campos historiográficos para a utilização de novas fontes, e a responsabilidade de uma elaboração criteriosa que perpassa intencionalidades dentro de uma pesquisa que se utilize da literatura como fonte. O historiador deve estar atento a suas especificidades para que sejam respeitadas, de modo que assim as aproximações e distanciamentos sejam entendidos como elementos importantes na construção de um registro que não desvirtue questões epistemológicas.

Discutiu-se que a literatura advém de um campo de representação que se pauta na escolha do autor. A de José Lins do Rego dissemina-se por meio do regionalismo aflorado nos primeiros decênios do século XX, contexto histórico importantíssimo no âmbito cultural, mas também em outras esferas da sociedade do nosso país, como na reivindicação a direitos básicos e a diversidade política. Além das mudanças comportamentais que geraram uma ambiguidade entre o moderno e o tradicional neste período.

De modo que se fez importante situar o contexto da escrita do autor para que nos possibilite visualizar o porquê da escolha pelo regionalismo saudosista em suas representações da sociedade patriarcal rural decadente. Esta escolha justifica-se pela ambientação agora distanciada dos momentos gloriosos vividos no engenho de seu avô durante a infância, já que em sua vida adulta o meio urbano é que dava as cartas no país. A abordagem memorialista adotada pelo romancista se pauta em características de sua região responsáveis por promover um sentimento de fortalecimento encorajador nos que assim como ele almejam revisitar o passado para mantê-lo vivo.

Observamos que o seu lugar quanto literato e suas suas escolhas e posições quanto indivíduo em um posto de prestígio, influenciaram diretamente sua escrita literária na construção de uma representação, que lhe cabia quanto produtor de arte e cultura criado em meios patriarcais. A sua maneira coloquial e descritiva o tornou um dos mais promissores autores dos romances regionais de 1930 e 1940, fincando-se em características verossimilhantes do cotidiano patriarcal nos engenhos, demarcando o seu espaço de interesse em defesa de uma memória.

Na sequência refletimos o que autores de outros campos do saber contemporâneos a ele, tais como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque De Holanda compreendem como sistema patriarcal e quais eram seus pilares e matrizes, além das consequências que trouxeram para sociedade do seu tempo. Questionando-os com outras fontes, mas compreendendo os seus

lugares de interesse e escrita distintos. Observa-se que mesmo com questões controversas se fizeram importantes para a contribuição no entendimento dessa estrutura social fundamentada no meio rural.

A escolha dos dois foi assertiva, partindo do princípio que embora trabalhassem com o resgate de um recorte similar da nossa história, enquanto Gilberto Freyre utilizava desta ferramenta para nos fazer recordar, Sérgio Buarque De Holanda nos recorda para ser possível esquecer. Segundo Holanda a herança rural e seus costumes são nocivos pois originaram continuidades de atraso, implicando negativamente no desenvolvimento social e as decisões tomadas a partir da passionalidade. Os elementos distintos de saudosismo e declínio referentes ao meio rural, expostos pelos estudiosos, podem ser facilmente encontrados nas representações elaboradas por José Lins Do Rego em seu romance.

O romance *Fogo Morto* representa esse sistema em declínio através de "flashes" do cotidiano. Para analisarmos isso, utilizamos de alguns estudos sobre o autor e a obra situando o lugar social de onde partem suas representações e a relação de identificação com as personagens, entrelaçadas a sua indeterminação histórica num contexto de incertezas. Se fez necessário refletir suas intenções através de um bem de consumo cultural, fruto de suas próprias indagações e aflições, mas este não demonstra estar alheio e desprendido ao contexto de mudanças econômicas, crises comportamentais e familiares que ocorreram durante o período.

Embora José Lins do Rego em sua trajetória literária construa narrativas pautadas nas próprias memórias, propícias de um lugar de privilégio e advindas das recordações da sua posição quanto "neto do açúcar", a leitura feita em *Fogo Morto* é mais complexa, possui camadas além da sua personalidade que percorrem caminhos de entendimento social e cultural de uma sociedade que teme mudanças em sua conjuntura. Isso se denota aos trechos referentes à crise masculina patriarcal, os novos meios de produção, a decadência estética dos engenhos e o declínio senhorial açucareiro pós abolição. Representações que dialogam com o exposto pelas fontes históricas analisadas.

Logo, sua representação do sistema patriarcal açucareiro se faz ambígua ao atingir o público, ao ponto que em alguns momentos é um afago nos que são imbuídos da saudades e se apegam aos traços que ainda lhe restam, mas não escapa de atrair os curiosos que querem compreender quem dessa maneira pensou sobre o processo de declínio. Permitindo a realização de pesquisas como essa.

O estudo realizado não tem pretensão de ser uma resposta final, mas se estrutura como mais uma trilha percorrida. Enfrentou suas limitações, fortemente evidenciadas em

razão de uma pandemia global, tais como; questões de esgotamento psicológico e emocional, além das dificuldades de acesso devido a não estarmos em contato cotidiano e direto com a universidade, no entanto, entende-se o trabalho realizado como uma proposta possível para a discussão e debate sobre as questões elaboradas e revisadas até então. Novas abordagens e sugestões serão sempre bem-vindas, por meio delas crescemos juntos e reforçamos o nosso saber histórico além de fortalecer o nosso campo de pesquisa.

Fica como sugestão para próximos estudos, que a obra seja confrontada na perspectiva de quais são as aproximações e distanciamentos nas representações feitas pelo autor com a de outros membros do movimento regionalista. Uma proposta interessante seria analisar as feitas por Érico Veríssimo um dos poucos regionalistas fora do eixo nordestino, para que se investigue como as vivências em fronteiras regionais distintas desses indivíduos apresentam as demandas específicas de um local e até que ponto este fato acentuou divergências em sua escrita.

Desta maneira teríamos um entendimento ainda maior da influência do lugar social de cada escritor e o contexto que esses ambientes distintos se encontravam diante do mesmo recorte temporal, uma discussão plausível sobre as diferenças teóricas no próprio movimento. Sempre existe algo novo a se contribuir, deixo aqui o convite.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia M.; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de história**. Coleção ideias em ação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **De fogo morto: mudança social e crise dos padrões tradicionais de masculinidade no Nordeste do começo do século XX**. **História Revista**, p. 153-182, 2005.
- AZEVEDO, N. P. DE. **Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco**. 2ª ed. João Pessoa/Recife: UFPB/Editora Universitária; UFPE/Editora Universitária, 1996.
- BARROS, José D'Assunção. História e Literatura – novas relações para os novos tempos. **Revista de Artes e Humanidades**, n.6, p. 1-27, 2010.
- BARROS, José D'Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. In: **LPH - Revista de História da Universidade Federal de Ouro Preto**. N° 15, p.235- 256, 2005.
- BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá. p. 125-141 UEM, v. 9. n° 1, 2005a.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, A. A Revolução de 1930 e a Cultura. **Revista Novos Estudos**, Cebrap, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 27–36, 1984.
- CANDIDO, A. **Brigada ligeira e outros escritos**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CARONE, E. Coronelismo: definição histórica e bibliografia. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 11, n. 3, p. 85-92, 1971. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/40377>>. Acesso em: 12/02/2022.
- CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: nordeste e modernismo**. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.
- CEBALLOS, Rodrigo. **Os "Maus Costumes" nordestinos: invenção e crise de identidade masculina no Recife (1910-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- CERTEAU, M. **A Escrita da História**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **As escritas do lugar: regiões e regionalismo em José Lins do Rego e Erico Veríssimo**. Tese (Doutorado em Pós-graduação em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, 2012.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro; SILVA, Mário A. Medeiros da. Sentidos da crise: literatura e processos sociais em Fogo morto e Cidade de Deus. **Lua Nova**, p.169-197, 2014.

CHALHOUB, Sidney. **História: História e Literatura** - Sidney Chalhoub. 2015. YouTube (canal Iconic Network). Entrevista concedida a Mônica Teixeira. 30min52s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e5jnTFQg6as>>. Acesso em: 12/02/2022.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CORREA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n.37, p. 5-16, 1981.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaio sobre ideias e formas**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

DANTAS, Cauby. **Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho**. Campina Grande: EDUEPB, 2015.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina. **O historiador e suas fontes**. p. 61 a 88. São Paulo: Contexto, p. 61-88, 2012.

FREIRE, Diego José Fernandes. **Contando o passado, tecendo a saudade: a construção simbólica do engenho açucareiro em José Lins do Rêgo**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.

GOMES, Heloísa Toller. **O poder rural na ficção**. São Paulo: Ed. Ática, 1981.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória**. 4ª. ed. – Campinas,SP: Editora da Unicamp, 1996.

LUIZ DE SOUZA, R. As Raízes e o Futuro do “Homem Cordial” Segundo Sérgio Buarque de Holanda. **Caderno CRH**, 2007.

MICELI, Sérgio. **Corpo e alma do Brasil**. São Paulo: Difel, p. 69-128, 1979.

IVO, Lêdo. A história literária de José Lins do Rego. **Revista brasileira**, n.42, p. 23-29. 2005. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista-brasileira-42.pdf>> Acesso em: 07/02/2022.

NABUCO, J. **O abolicionismo**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org>> Acesso: 09/02/2022

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, Cléria Botêlho, MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). **História e Literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia, MG: EDUFU, p. 11-28, 2006.

REGO, José Lins do Rego. **Fogo morto**. 82. ed. São Paulo: Global Editora, 2021.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil de Varnhagem a FHC**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REZENDE, Antonio Paulo de M. O Recife na década de vinte: modernidade e identidade. **CLIO** - Série História do Nordeste n. 16, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24880/20150>>. Acesso em: 02/02/2022.

SAMARA, E. de M. **Novas imagens da família "à brasileira"**. Psicologia USP, p.59-66, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 1ª reimpr. da 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro, 1915. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=2127>. Acesso: 16/11/2021.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1999.